UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

ROSELY KALIL DE FREITAS CASTRO CARRARI DE AMORIM

**PERCEPÇÃO DOS DOCENTES DE GRADUAÇÃO EM
ENFERMAGEM SOBRE SEU COMPORTAMENTO
COMUNICATIVO NÃO VERBAL EM SALA DE AULA**

São Paulo
2012

ROSELY KALIL DE FREITAS CASTRO CARRARI DE AMORIM

**PERCEPÇÃO DOS DOCENTES DE GRADUAÇÃO EM
ENFERMAGEM SOBRE SEU COMPORTAMENTO
COMUNICATIVO NÃO VERBAL EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Enfermagem na Saúde do Adulto
(PROESA), da Escola de
Enfermagem da Universidade de
São Paulo (EEUSP), para a
obtenção do título de Mestre em
Ciências.

Área de concentração: Saúde do
Adulto

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Júlia Paes da Silva

**São Paulo
2012**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Amorim, Rosely Kalil de Freitas Castro Carrari de
Percepção dos docentes de graduação em enfermagem
sobre seu comportamento comunicativo não verbal em sala
de aula / Rosely Kalil de Freitas Castro Carrari de Amorim . --
São Paulo, 2012.

118 p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem da
Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profª Drª Maria Júlia Paes da Silva
Área de concentração: Saúde do adulto

1. Enfermagem 2. Comunicação em Enfermagem
3. Comunicação não verbal 4. Ensino 5. Docentes 6. Educação
I. Título.

Nome: Rosely Kalil de Freitas Castro Carrari de Amorim

Título: Percepção dos docentes de graduação em Enfermagem sobre seu comportamento comunicativo não verbal em sala de aula

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem na Saúde do Adulto (PROESA), da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), para a obtenção do título de Mestre em Ciências.
Área de concentração: Saúde do Adulto.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para ser grande, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive.

Ricardo Reis (Heterônimo de Fernando Pessoa)

DEDICATÓRIA

Ao meu pai **José Barbosa**, que faleceu no final do meu curso de graduação e que ainda vivo um dia me perguntou: “Filha, vou poder te chamar de doutora?”, tendo naquela época como resposta: “Sim, pai, serei Doutora na Enfermagem”. Hoje completo: “Pai, estou no caminho... Logo, chego lá! Sei que me abençoa de onde estiver.”

À minha querida e amada mãezinha **Roseli**, símbolo de força, vida e superação. Você é um exemplo de otimismo a ser seguido!

Ao **Luis Felipe**, com quem aprendo o significado do amor incondicional a cada dia.

Ao **Felipe**, esposo, amigo, amante e pai do nosso maior tesouro, o Luis Felipe.

Ao meu irmão **José Genaro** e a minha cunhada **Flávia**, que carrega nossa futura **Letícia**.

A você, **Maria Júlia**, orientadora, companheira na Comunicação, exemplo da enfermeira mais completa em todos os níveis (assistencial, educacional, gerencial), além de humana e amorosa.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Aos docentes de Enfermagem que participaram desse estudo, companheiros nos caminhos do ensino e da aprendizagem na arte de cuidar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, que em sua infinita bondade me ilumina, me guia e me abençoa em todos os momentos de minha vida, dando-me forças em tempos difíceis.

A **Nossa Senhora Aparecida**, que me protege com seu manto divino, por essa graça alcançada

A Prof^ª Dr^a Maria Júlia Paes da Silva, por acreditar em mim, ainda na graduação, quando plantou a semente da comunicação nas iniciações científicas em que percorremos juntas e que hoje floresce através desse trabalho. Pelo seu compromisso com a orientação, pelo exemplo de coerência e honestidade. Você é inspiração! É um privilégio ser sua orientanda!

Ao meu filho **Luis Felipe** que do “alto” dos seus quase três anos, mesmo sem entender ao certo, soube respeitar os momentos em que a mamãe se isolava no computador para finalizar este trabalho. Quando vinha correndo me chamar para brincar eu dizia: “Filho, mamãe está trabalhando, vai brincar um pouco no seu quarto...”, ele abaixava a cabeça e já me dando as costas saía falando em tom obediente: “Tá bom, mamãe...” Obrigada, filho querido, mamãe ainda vai brincar muito com você!

Ao meu esposo **Felipe** que amorosa e silenciosamente suportou a distância nos inúmeros dias em que fiquei com nosso filho em São Paulo, atendendo os

compromissos do Mestrado. Companheiro nos sonhos e aventuras da vida compartilhada, que me incentiva e me dá suporte.

A minha mãezinha **Roseli**, ao meu sogro **Alberto**, minha sogra **Christina**, meu irmão **José Genaro**, minhas cunhadas **Flávia** e **Isabela** pelos cuidados e carinho com o **Luis Felipe** nos momentos em que me ausentei para a realização desse trabalho.

À querida **Iracy** pelo cuidado com minha casa e com o **Luis Felipe**

A **Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP)**, por mais essa oportunidade na minha formação.

Às **Secretárias da Pós-graduação da EEUSP** pelo atendimento sempre carinhoso, atencioso e simpático.

Às **secretárias dos Departamentos da EEUSP**.

Às **bibliotecárias da EEUSP** pelo atendimento atencioso e cortês.

À **Profª Drª Eliana Mara Braga** e à **Profª Drª Luciane Lúcio Pereira** pelas valiosas contribuições na banca de qualificação.

Aos amigos do **Grupo de Estudos e Pesquisa em Comunicação em Enfermagem**, GPCo, companheiros nos caminhos de descobertas e aprendizados da Comunicação, pela torcida e apoio

Ao **Sérgio** da Gráfica da EEUSP, pela ajuda importante em momentos cruciais.

Ao **PROESA** e à **Pró-reitoria** pela ajuda financeira proporcionando minha participação no Congresso Internacional de Comunicação na Escócia, Reino Unido, em setembro de 2012.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** pelo incentivo financeiro através da Bolsa CAPES de Demanda Social.

Aos **meus alunos e ex-alunos**, fonte constante de aprendizado.

A **todos os professores** que passaram pelo meu caminho, pelo exemplo, orientação e suporte acadêmico.

A **todos** que de alguma maneira torceram por mim e me deram incentivo para a realização desse trabalho.

A vocês o meu mais sincero e carinhoso OBRIGADA!

“... o fim da educação... é facilitar a mudança e a aprendizagem..., facilitar a aprendizagem reside em certas qualidades de atitude que existem na relação pessoal entre o facilitador e o aprendiz.”

Carl R. Rogers

Amorim RKFCC. Percepção dos docentes de graduação em Enfermagem sobre seu comportamento comunicativo não verbal em sala de aula. [Dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2012.

RESUMO

Introdução: Decodificar corretamente a comunicação não verbal tem sido desafiador para que a relação professor aluno seja adequada em sala. Com a finalidade de identificar a percepção dos docentes de graduação em Enfermagem sobre seu comportamento comunicativo não verbal em sala de aula, para posterior treinamento, este trabalho teve como **objetivo geral:** conhecer e compreender o significado da comunicação não verbal para os docentes de graduação em Enfermagem em sala de aula e como **objetivos específicos:** verificar os sinais não verbais emitidos por docentes durante suas explanações em aulas ministradas aos graduandos de Enfermagem; conhecer a percepção dos docentes de Enfermagem em relação à comunicação com os alunos e aos sinais não verbais emitidos durante suas explanações em aulas ministradas aos graduandos de enfermagem; conhecer a percepção dos docentes de enfermagem sobre o que é a comunicação efetiva e eficaz em sala de aula. **Método:** pesquisa exploratória, descritiva, de campo, com abordagem quanti e qualitativa em 3 campi de uma universidade particular de São Paulo (Brasil), totalizando 11 docentes filmados em 220 minutos. Após as filmagens, pesquisadora e docentes identificaram sinais não verbais emitidos, segundo **referencial teórico** que especifica como sinais não verbais de uso efetivo/eficaz comportamentos que encorajam a fala do outro porque demonstram aceitação e respeito e sinais não verbais de uso ineficaz comportamentos que, provavelmente, enfraquecem a conversação (Silva MJP. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 8ª ed. São Paulo: Loyola; 2006). Em seguida, feita entrevista gravada para identificar a percepção do docente sobre seu comportamento comunicativo não verbal, com o roteiro de perguntas: 1- Como você se viu na filmagem? 2- O que você observou na sua comunicação não verbal? 3 - Como você acha que deve ser a comunicação não verbal de um docente em sala de aula? **Resultados:** Nas filmagens, comparando-se percepções docentes e da pesquisadora, percebe-se concordância na decodificação de sinais não verbais, porém com os primeiros 5 minutos de filmagem com os docentes ansiosos, indecisos e envergonhados (verificados em alguns momentos na postura-81.8%, contato dos olhos-27.3%, nas expressões faciais-45.5%, nos maneirismos-100%, no ritmo de voz-45.5% e na postura corporal-90,9%). Nas entrevistas surgiram duas grandes categorias: 1 - *Visão de si próprio*, com três categorias relacionadas às perguntas um e dois (Surpresa sobre si mesmo - com os docentes se surpreendendo ao se verem filmados; Reconhecendo-se positivamente e Reconhecendo-se negativamente) e 2 - *Comunicação adequada para docentes* – com outras três categorias relacionadas à pergunta três (Dando *feedback* ao aluno; Complementando o verbal e Não contradizendo o verbal) em que expressam comportamentos

gerais que consideram adequados em sala. Em relação à comunicação não verbal efetiva e eficaz, os docentes consideraram que é aquela que oferece *feedback* aos alunos, aproximando-os do professor e chamando atenção para o conteúdo, com gestos que incentivam a participação dos alunos e complementam o verbal, reforçando a fala e valorizando os alunos; é a comunicação que envolve, motiva, agrada, faz uso do toque entre docente e aluno, além de fazer com que os alunos se sintam importantes no processo de ensino-aprendizagem. **Conclusão:** a maior parte dos sinais não verbais emitidos pelos docentes é adequada, porém foi confirmada necessidade de treinamento pela falta de identificação de sinais não verbais mais sutis.

Palavras Chave: Enfermagem, Comunicação em Enfermagem, Comunicação não verbal, Ensino, Docentes, Educação

Amorim RKFCC. The perception of undergraduate professors concerning nonverbal communicative behavior in classroom. [thesis]. São Paulo (SP), Brasil: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2012.

ABSTRACT

Introduction: Correctly decoding nonverbal communication has been a challenge for the relationship professor-student to be appropriate in classroom. Aiming to identify the perception of nursing undergraduate professors concerning their nonverbal communicative behavior for later training, this study's **general objective** was to identify and understand the meaning held by undergraduate nursing professors concerning nonverbal communication. Its **specific objectives** were to verify nonverbal signs sent by professors during their explanations in classes administered to undergraduate nursing students; identify the perception of nursing professors concerning nonverbal signs sent during classes; and identify the perception of nursing professors about what is effective and efficient communication in the classroom. **Method:** exploratory, descriptive, quantitative and qualitative field research was conducted in three campuses of a private university in São Paulo, Brazil. Eleven professors were filmed during 220 minutes. After filming, researcher and professors identified nonverbal signs according to a **theoretical framework** that specifies as effective / efficient use of nonverbal signs behaviors that encourage speech of the others because they demonstrate acceptance and respect and ineffective use of the nonverbal signs behaviors that probably weaken the conversation (Silva MJP. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 8^a. ed. São Paulo: Loyola; 2006.). Afterwards, an interview was held to identify the perception of professors concerning their nonverbal communicative behavior. 1. How did you see yourself in the filming? 2. What have you observed in your nonverbal communication? 3. How do you think should be the nonverbal communication of a teacher in the classroom? **Results:** Agreement was observed when the perceptions of the researcher and professors were compared, though the professors were anxious, uncertain, and shy in the first five minutes of filming (seen in some moments in the posture-81.8%, eye contact- 27.3%, in facial expressions 45.5%, mannerisms-100%, voice-45.5% and body posture-90,9%). Two categories emerged from the interviews: 'how professors view themselves', in which professors became surprised at seeing themselves being filmed; with three categories related to questions one and two (Surprise about yourself - with teachers is surprising to find themselves filmed Recognizing positively and negatively acknowledging). And 2 'appropriate communication for professors', in which they report general behavior considered appropriate within classroom with three other categories related to question three (Giving feedback to students; Complementing the verbal and non-verbal contradicting) that express behaviors in general they consider appropriate in the classroom. Teachers considered that the effective and efficient nonverbal communication is the one that provides feedback to students, bringing them closer to the teacher and drawing attention to the content, with gestures that

encourage the participation of students and complement the verbal, reinforcing speech and valuing students; is the communication which involves, motivates, pleases and makes use of touch between teacher and student; and also make students feel important in the teaching-learning process. **Conclusion:** Most part of the professors' nonverbal signs is appropriate though the need for training is confirmed since more subtle nonverbal signs were not identified.

Keywords: Nursing; Nursing Communication, Nonverbal Communication; Teaching; Faculty; Education

Amorim RKFCC. Percepción de los profesores de grado de enfermería en su conducta comunicativa no verbal en el aula. [Tesis]. San. Pablo: Escuela de Enfermería, Universidad de San Pablo, 2012.

RESUMEN

Introducción: decodificar correctamente la comunicación no verbal ha sido un desafío para la relación entre el profesor y el alumno es apropiado en el salón de clases. Con el fin de identificar la percepción de los profesores de graduación en enfermería en su comportamiento comunicativo no verbal en el aula, para la formación continua, o **objetivo** del estudio fue: conocer y comprender el significado de la comunicación no verbal de los profesores de graduación en enfermería y los **objetivos específicos:** evaluar las señales no verbales emitidas por los profesores durante las clases en las explicaciones dadas a los estudiantes de enfermería y las percepciones de los profesores de enfermería con respecto a las señales no verbales emitidas durante sus explicaciones en clase. conocer la percepción de los profesores de enfermería acerca de lo que es eficaz y eficiente la comunicación en el aula. **Método:** campo exploratorio, descriptivo, con enfoque cuantitativo y cualitativo en 3 campus de una universidad privada de San Pablo (Brazil), por un total de 11 profesores filmados en 220 minutos. Después de filmar, el investigador y los maestros identificaron señales no verbales emitidas segundo **referencial teórico** que especifica las señales no verbales eficaces / eficientes como conductas que estimulen el discurso del otro, ya que demuestran la aceptación y el respeto y las señales no verbales ineficaces comportamientos que pueden debilitar la conversación (Silva MJP. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 8ª ed. São Paulo: Loyola; 2006.). A continuación, entrevista grabada por identificar la percepción de los profesores acerca de su comportamiento no verbal comunicativo, en el que había tres preguntas: 1 - ¿Como se vio en las imágenes? 2 - ¿Qué observó en su comunicación no verbal? 3 - ¿Cómo cree usted que debería ser la comunicación no verbal de un maestro en el aula? **Resultados:** En la película, la comparación de las percepciones de los profesores y los investigadores percibe acuerdo en las señales no verbales de decodificación, pero con los primeros 5 minutos de metraje con profesores ansiosos, inseguros y avergonzados (visto en ocasiones en la postura – 81.8%, en el contacto visual- 27.3%, en las expresiones faciales 45.5%, en los manierismos -100%, en la voz - 45.5%, y en la postura corporal-90.9%). En las entrevistas que había dos grandes categorías: 1 - Resumen de sí mismo, con tres categorías relacionadas con las preguntas uno y dos (Surprise acerca de ti mismo - con los maestros es sorprendente encontrar a sí mismos filmado reconocer positivamente y negativamente) y el reconocimiento de 2 - La comunicación apropiada para los profesores - con otras tres categorías relacionadas con la pregunta tres (Dar retroalimentación a los estudiantes; Complementando la contradicción verbal y no verbal) que los comportamientos expresos en general que consideran apropiado en el aula. Cuanto a la comunicación no verbal con eficacia y eficiencia, los profesores consideraron que es la que proporciona

retroalimentación a los estudiantes, acercándolos a el profesor y llamando la atención a los contenidos, con gestos que fomenten la participación de estudiantes y complementan el verbal, reforzando lo se dice y valorando los estudiantes, es la comunicación que implica, motiva, gusta, hace uso del toque entre el profesor y el alumno, y hacer que los estudiantes se sientan importantes en el proceso de enseñanza-aprendizaje. **Conclusión:** las señales no verbales que emite más profesores es adecuado pero necesita entrenamiento fue confirmada por la falta de identificación de las señales no verbales más sutil.

Palabras Clave: Enfermería, Comunicación en Enfermería, Comunicación no Verbal, Enseñanza, Docentes, Educación

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Figura representativa das categorias 1, 2 e 3 referentes às perguntas 1 e 2 das entrevistas com os docentes. São Paulo, 2012.	74
Figura 2 -	Figura representativa da categoria 1 das entrevistas com os docentes nomeada “surpresa sobre si mesmo”. São Paulo, 2012.	74
Figura 3 –	Figura representativa das categorias referentes à questão 3 das entrevistas aos docentes de Enfermagem. São Paulo, 2012.	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Síntese da análise comparativa dos dados encontrados na decodificação dos sinais não verbais emitidos pelos 11 docentes em sala de aula (5 minutos iniciais X 15 minutos finais de aula expositiva) – visão da pesquisadora	51
Quadro 2 –	Síntese dos dados encontrados no instrumento de coleta de dados preenchido por cada docente, conforme a decodificação de seus próprios sinais não verbais emitidos em sala de aula – visão dos próprios docentes.	61

LISTA DE SIGLAS

MUDD	-	<i>My Understanding through Dialogue and Debate</i>
SNV	-	Sinais não verbais
CNV	-	Comunicação não verbal

SUMÁRIO

RESUMO.....	VII
ABSTRACT	IX
RESUMEN	XI
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	XIII
LISTA DE SIGLAS	XIV
1 INTRODUÇÃO	14
2 OBJETIVOS	21
2.1 OBJETIVO GERAL	21
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
3 REVISÃO DA LITERATURA	23
3.1 A COMUNICAÇÃO: CONCEITOS E O PROCESSO COMUNICACIONAL	23
3.2 A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL	29
3.3 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	32
3.4 A COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM NA ENFERMAGEM	37
Hipóteses de Estudo	40
4 MÉTODO	42
4.1 TIPO DE PESQUISA	42
4.2 LOCAL DA PESQUISA.....	42
4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	42
4.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	43
4.5 ANÁLISE DOS DADOS	46
5 RESULTADOS	49
5.1 O PERÍODO DA COLETA DE DADOS E OS SUJEITOS DA PESQUISA	49
5.2 O CONTEXTO	49
5.3 CATEGORIZAÇÃO DAS FILMAGENS	50
Cinco minutos iniciais de filmagem – visão da pesquisadora	55
15 minutos remanescentes de filmagem – visão da pesquisadora	57
Visão dos docentes	67
5.4 CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	73
6 DISCUSSÃO	86
7 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICES	112
ANEXOS.....	116

INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

O interesse e a aproximação pela comunicação não verbal iniciou na graduação quando a comunicação nos foi apresentada na disciplina de Saúde do Adulto em aula ministrada por nossa orientadora, a Professora Doutora Maria Júlia Paes da Silva. Nosso interesse foi crescente à medida em que buscamos o referencial teórico sobre o tema¹ e com as oportunidades de desenvolvimento de trabalhos conjuntos sobre a comunicação não verbal no ambiente de ensino²⁻⁴.

Concomitante à graduação cursamos a licenciatura em Enfermagem, que nos habilitou a ministrar aulas em cursos técnicos de Enfermagem que foram nosso início na prática docente.

Aliada à prática assistencial de Enfermagem sempre estivemos ligados aos cursos técnicos e à Graduação de Enfermagem, ministrando aulas teóricas e práticas, além de supervisão em estágios em campo.

Essa trajetória nos permitiu verificar empiricamente a dificuldade na correta decodificação da comunicação não verbal por docentes e alunos o que nos motivou a explorar de maneira formal e acadêmica o tema em questão.

Em nossa prática docente e em conversas com outros colegas docentes observamos a necessidade de uma avaliação mais aprofundada sobre o uso da comunicação não verbal durante as aulas que os docentes ministram aos graduandos de Enfermagem.

Ao conversarmos com nossos colegas docentes, percebemos que muitos sabem da importância da comunicação não verbal durante suas explicações ao ministrar uma aula, mas alguns não conseguem utilizá-la de maneira efetiva/eficaz.

Para que o uso da comunicação não verbal tenha efetividade nas interações interpessoais, Silva¹ propõe um quadro esquemático com alguns modelos não verbais de comunicação, que pode ser adaptado à interação interpessoal entre docente e aluno. Nesse quadro, o comportamento comunicativo não verbal está separado quanto ao seu uso efetivo/eficaz e ineficaz, de maneira pontual sobre alguns aspectos e/ou dimensões não verbais a saber: a postura física, o olhar, o uso dos móveis, as roupas, as expressões faciais, a distância interpessoal, entre outros. Sendo considerados, nesse quadro, comportamentos efetivos/ eficazes aqueles que encorajam a fala do outro porque demonstram aceitação e respeito e comportamentos ineficazes aqueles que, provavelmente, enfraquecem a conversação.

Em pesquisa junto a docentes de graduação em Enfermagem, Castro & Silva² pesquisaram a visão que os docentes tinham sobre a influência de seu comportamento comunicativo não verbal em sala de aula, encontrando como resultados citados pelos docentes, entre outros achados, algumas características do professor que, segundo eles, seriam facilitadores na interação do professor com os alunos como: o olhar, o toque, o sorriso, a vestimenta, a proximidade mantida com os alunos e o ato de cumprimentá-los. Os docentes também reconheceram como intervenientes no momento de sala de aula o próprio verbal e o não verbal, além da consciência do próprio momento de sala de aula.

Não é de hoje que se sabe da importância do papel do professor na interação professor-aluno e que seu desempenho como docente está diretamente relacionado com a sua consciência e habilidade na comunicação verbal e não verbal³.

Diversos estudos sobre comunicação em Enfermagem que abordam a sua importância no processo de ensino-aprendizagem²⁻¹¹ já foram desenvolvidos e o aspecto mais interveniente abordado em alguns estudos citados é a importância da consciência que o docente deve ter sobre seu papel comunicativo.

O próprio processo de ensino da comunicação, sob a perspectiva de docentes especialistas em comunicação, já foi objeto de estudo de Braga¹⁰ em pesquisa realizada com 13 professores de Enfermagem, especialistas em comunicação. Em seus achados, entre outros, Braga¹⁰ descreve que no discurso dos docentes foi dito que a competência em comunicação é um processo interpessoal que deve atingir o objetivo dos comunicadores, pressupor que os docentes tenham conhecimentos básicos de comunicação, além de ter consciência do verbal e do não verbal nas interações, atuar com clareza e objetividade, promover o autoconhecimento e, conseqüentemente, ter a possibilidade de uma vida mais autêntica.

Ainda sob a ótica do processo de ensino-aprendizagem, há que se considerar dentro da Enfermagem, a educação continuada, como também sendo um campo de atuação docente, uma vez que o enfermeiro de educação continuada, ao dar orientações a outros enfermeiros, ministra aulas, também. Nesse contexto, Pereira¹¹ filmou e entrevistou enfermeiras de educação continuada durante orientação formal para funcionários recém-admitidos, identificando o fenômeno **Vivenciando a comunicação como descoberta**, composto dos seguintes temas que se articulavam: posicionando-se diante da filmagem, acolhendo o grupo, teorizando, descobrindo-se e procurando caminhar, expressando, assim, o movimento da Enfermeira de Educação Continuada ao descobrir-se pela percepção da sua comunicação, em especial a não verbal. Também foi possível reconhecer a validade de experiências que propiciariam a visualização de si próprias, como fonte para melhorar o autoconhecimento e que, associadas à instrumentalização para o desenvolvimento das habilidades de comunicação – particularmente a não verbal – permitiriam o estabelecimento de relações mais efetivas e a condução de processos de ensino-aprendizagem significativos que favoreceriam o desenvolvimento das pessoas no ambiente de trabalho.

Ao abordarmos a relação de ensino-aprendizagem, qualquer que seja o contexto educativo (tanto no ensino prático, quanto no ensino teórico), principalmente em cursos da área da saúde, incluindo-se aqui a

Enfermagem, em que estamos formando profissionais, cujo objeto de trabalho é o ser humano, devemos nos lembrar do outro sujeito que faz parte dessa diáde: o aluno. Nesse contexto, há que se considerar, portanto, o que nos lembram os educadores Freire¹², Alves¹³ e Cortella¹⁴, sobre a importância desse sujeito, o aluno, como participante ativo do próprio processo de ensino-aprendizagem.

Freire¹² refere que o homem deve ser sujeito de sua própria educação, que não pode ser o objeto dela e que, por isso, ninguém educa ninguém. Afirma que o homem não é uma ilha; é comunicação e que não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo.

Alves¹³ reflete sobre a existência e o sentido de sermos educadores, quando afirma que professores têm aos milhares; mas que professor é profissão e educador, vocação. Também refere que, mesmo em tempos modernos, contemporâneos, as questões pertencem ao mestre (que detém o monopólio do poder) e as respostas, aos estudantes.

Cortella¹⁴ reflete sobre o conhecimento como uma construção cultural, e sobre a Escola como tendo um comprometimento político de caráter conservador e inovador que se expressa, também, no modo como esse mesmo conhecimento é compreendido, selecionado, transmitido e recriado.

A comunicação professor-aluno pode ser entendida, portanto, como um dos pilares do processo de ensino e sofre influências do cotidiano de cada um de seus protagonistas. É importante que o professor valorize o diálogo, a troca, a relação interpessoal, acreditando que é possível aprender conversando, discutindo e trocando ideias com seus aprendizes¹⁵.

Em estudos realizados há 10 anos atrás, que abordavam a percepção dos docentes^{2,4} acerca de seu comportamento comunicativo verbal e não verbal, os docentes reconheceram a importante influência de

seu comportamento comunicativo sobre os discentes. Essa influência também foi descrita nos estudos realizados com os alunos³⁻⁴, mas em todos esses estudos²⁻⁴ houve dificuldade em verbalizar sinais não verbais mais específicos, intervenientes no momento de sala de aula (tanto alunos, quanto docentes, citaram apenas sinais não verbais mais gerais).

Essa dificuldade em decodificar o comportamento comunicativo não verbal também foi percebida em estudo mais recente¹⁶ realizado com docentes de Enfermagem com o objetivo de verificar se havia diferença na percepção dos sentimentos dos alunos pelos professores antes e depois da apresentação explicativa sobre o tema. Um vídeo com alunos de Enfermagem foi apresentado aos docentes, mascarando-se os motivos da apresentação para que, posteriormente, preenchessem um questionário identificando os sentimentos mostrados no vídeo. Depois de preenchido o instrumento inicial, foi feita uma apresentação explicativa de 10 minutos (com a definição dos tipos de comunicação - verbal e não verbal, as funções da comunicação não-verbal, explicações sobre os sentimentos com figuras, para uma melhor compreensão e exemplos de alguns sinais que podem ser observados no aluno em sala de aula); o vídeo foi apresentado novamente, assim como foi solicitado novo preenchimento do instrumento para identificação dos sentimentos dos alunos. Os resultados encontrados (estatisticamente significativos), apontaram que houve diferença nessa identificação de sentimentos, em geral, após a apresentação explicativa, ou seja, que os professores foram capazes de identificar os sentimentos dos alunos, porém, depois de direcionada sua atenção para a comunicação não-verbal (com exceção do sentimento medo, que não se alterou); a percepção dos docentes melhorou após a explicação.

Dos demais estudos encontrados, apenas no estudo de Braga¹⁰, feito com docentes especialistas em comunicação, também foi possível perceber, com mais detalhes, fornecidos pelos sujeitos da pesquisa – os já ditos, especialistas em comunicação - essa consciência dos docentes sobre a influência do seu não verbal sobre os graduandos de Enfermagem.

INTRODUÇÃO

Dez anos atrás os docentes^{2,4} reconheciam a importância de sua comunicação não verbal na interação com os alunos em sala de aula, mas tinham pouca percepção das dimensões não verbais; os alunos^{3,4} (assim como outros estudos) também reconheciam a importância do não verbal; dez anos depois¹⁶, há estudo que mostra diferença na percepção dos docentes, após uma explicação sobre comunicação não verbal. Podemos nos questionar, portanto, como está hoje essa percepção, em outros contextos de ensino. Resolvemos filmar o comportamento dos docentes em sala de aula para discutir com os próprios docentes essa percepção.

OBJETIVOS

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer e compreender o significado da comunicação não verbal para os docentes de graduação em Enfermagem em sala de aula.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar os sinais não verbais emitidos por docentes durante suas explicações em aulas ministradas aos graduandos de Enfermagem;
- Conhecer a percepção dos docentes de Enfermagem em relação à comunicação com os alunos e aos sinais não verbais que eles emitem durante suas explicações em aulas ministradas aos graduandos de Enfermagem;
- Conhecer a percepção dos docentes de Enfermagem sobre o que é a comunicação efetiva e eficaz em sala de aula.

REVISÃO DE LITERATURA

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 A COMUNICAÇÃO: CONCEITOS E O PROCESSO COMUNICACIONAL

Para se discorrer sobre o vocábulo “comunicação”, faz-se necessário entender que em tal vocábulo estão contidos diversos significados a depender do contexto em que está inserido e que, portanto, há necessidade de conhecer alguns de seus principais conceitos, para assim podermos entender melhor sua plurissignificação. Littlejohn¹⁷, um dos teóricos da comunicação humana, ao tentar agrupar todos os conceitos básicos de comunicação refere onze diferentes possibilidades de abordagem do termo. A seguir alguns de seus conceitos e significados.

A iniciar pela sua etimologia, a palavra comunicação vem do latim *communicatio*, “ato de repartir, de distribuir”, literalmente “tornar comum”, de *communis*, “público, geral, compartilhado por vários”. Etimologicamente, portanto, “comunicação” significa o ato pelo qual algo é repartido, ou distribuído, ou ainda o ato pelo qual algo se torna comum, sendo que esse “algo” pode ser desde uma notícia, uma informação, até algum tipo específico de conhecimento¹⁸⁻¹⁹.

Complementando o significado da referida palavra, vários dicionários da língua portuguesa atribuem à “comunicação” alguns sinônimos como os encontrados, por exemplo, no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa²⁰:

comunicação s.f. 1. Informação; participação; aviso. 2. Transmissão. 3. Notícia. 4. Passagem. 5. Ligação. 6. Convivência. 7. Relações. 8. Comunhão (de bens). Telecom. comunicação social: Conjunto dos órgãos de difusão de notícias (imprensa, rádio, televisão). Prática ou campo de estudo que se debruça sobre a informação, a sua transmissão, captação e impacto social.

Tomando-se por base os significados da palavra comunicação, temos que os atos de transmissão e passagem de informações, notícias e avisos são algumas das formas de comunicação, além de ligação, convivência e relações. Entretanto, de qualquer maneira, tanto em seu significado constado em dicionário, quanto em sua etimologia, comunicação pressupõe: convivência, relação e ligação com o outro, ou seja, pressupõe troca e interação.

Além do conceito etimológico e de seu estrito significado é importante ressaltar que há outros conceitos sobre comunicação que é prudente sabermos²¹:

- *conceito biológico* – esse conceito está relacionado com a atividade sensorial e nervosa do ser humano, sendo por meio da linguagem expresso o que se passa em nosso sistema nervoso. A comunicação segue a seguinte ordem: primeiro a coleta de informações pela atividade nervosa, a armazenagem, a disposição da informação, a circulação das mesmas para os centros da ação e o preparo de ordens que resultam no envio de mensagens. É considerado um conceito parcial, pois a comunicação não se resume a impulsos nervosos. Existe, por exemplo, o lado emocional que contribui para a formulação das idéias. A inteligência emocional é parte biológica do ser humano, uma vez que sentimentos como ira e alegria alteram batimentos cardíacos, influenciando pensamentos e reformulando informações.
- *conceito pedagógico* – nesse conceito a comunicação é uma atividade educativa que envolve troca de experiências entre pessoas de gerações diferentes, evitando-se que grupos sociais retornem ao primitivismo. Ao se comunicarem, há uma transmissão de ensinamentos, onde se modifica a disposição mental dos envolvidos na discussão. Pedagogicamente, é essencial que a educação faça parte de uma comunidade,

para que os jovens adaptem-se à vida social, sem que perpetrem erros cometidos anteriormente.

- - *conceito histórico* - baseada na cooperação, nesse conceito a comunicação funciona como instrumento de equilíbrio entre a humanidade, neutralizando forças contraditórias. Esse conceito também propicia o resgate da transmissão de uma língua por meio do tempo e das gerações, imprescindível ao avanço do homem em direção ao futuro. Ainda nesse conceito, a comunicação é responsável pela ampliação das possibilidades de coexistência mais pacífica entre os homens, pois caso contrário, estes já estariam extintos em meio às disputas por poder. E não menos importante que os conceitos anteriores, a comunicação atua na forma de sobrevivência social e no fundamento da existência humana.
- *conceito sociológico* - O papel da comunicação é de transmissão de significados entre pessoas para a sua integração na organização social. Os homens têm necessidade de estar em constante relação com o mundo, e para isso usam a comunicação como mediadora na interação social, pois é compreensível enquanto código para todos que dela participam. Além desse aspecto, os sociólogos entendem a comunicação como fundamental nos dias de hoje para o bom entendimento da sociedade e na construção social do mundo. Quanto mais complicada se torna a convivência humana, mais se faz necessário o uso adequado e pleno das possibilidades de comunicação.
- *conceito antropológico* - Na Antropologia, o conceito comunicação significa um veículo de transmissão de cultura ou um formador da bagagem cultural de cada indivíduo. Com o desenvolvimento da comunicação é que se pode estudar o homem em suas origens.

A resumida apresentação sobre a variedade de conceitos atribuídos ao termo comunicação nos leva a reforçar a idéia de que para tal palavra, não há um conceito único, pois se trata de um termo muito abrangente e por isso estudado sob diferentes enfoques, além de ressaltar, também, que o uso de um dos conceitos não exclui o uso dos demais, pois são complementares, podendo ser usados conjuntamente. Dentre os significados apresentados, os que mais se adéquam a nossa pesquisa são: o conceito biológico, o pedagógico e o sociológico, embora também possamos utilizar os demais.

Nesse contexto há que se considerar os vários estudos de comunicação que foram feitos ao longo da História, através de escolas, teorias e áreas do conhecimento diversas. Dentro desses enfoques possíveis, a comunicação foi primeiramente analisada segundo a eficiência de seu processo (processo comunicativo), tendo-se nos meios (televisão e jornal, por exemplo) os transmissores de informações. Em seguida observou-se tanto a influência quanto a relação dos elementos que constituem o processo comunicativo, ressaltando-se a diferença entre o significante e o significado da mensagem recebida (o chamado modelo semiótico-informacional). Ultimamente, com a vinda da informática e da Internet estudos vêm sendo feitos avaliando-se o processo de interatividade, a intertextualidade e a multidirecionalidade que compõe o processo comunicativo²².

Nessa infinidade de possíveis definições de comunicação, desde as mais consagradas até as mais sintéticas, citamos um conceito sintético que vem da semiótica (ciência que estuda os signos – que são sinais ou símbolos – e que esclareceremos melhor a seguir). Para a semiótica a comunicação é: “tudo aquilo a que as pessoas possam atribuir significações”. E como o comportamento comunicativo tem um campo de ação muito amplo, é recomendável a conscientização de que qualquer situação da comunicação humana compreende a produção da mensagem por alguém, e a recepção dessa mensagem por outro alguém, ou seja, que quando alguém escreve algo, alguém possivelmente irá ler o que foi escrito;

que quando alguém pinta algo, alguém possivelmente verá o quadro; que quando alguém fala algo, alguém possivelmente irá ouvir o que foi dito²³.

Na área da saúde, em que lidamos diretamente com o ser humano (quer seja ele outro profissional – colega de trabalho, familiar ou paciente), o estudo da comunicação se torna imperativo. Silva¹ afirma ser fundamental saber lidar com pessoas e, que nesse ambiente da saúde podem surgir conflitos, muitas vezes originados de uma atitude não compreendida ou mesmo de uma reação inesperada, ou seja, de uma comunicação inadequada; daí a necessidade de entendermos tanto os conceitos quanto o processo comunicativo.

Na Enfermagem os conceitos e/ou os processos da comunicação são estudados por diversos autores^{1-11,15-16,22-35}. Stefanelli²⁴, por exemplo, ao conceituar a comunicação, destaca que ideias, pensamentos ou sentimentos são estímulos ao processo comunicacional, porque é a partir deles que o ato comunicacional tem início. Logo, memórias e lembranças que formamos estão de alguma maneira associadas à comunicação com outras pessoas. Essa autora²⁴ também discorre sobre o uso e a importância da comunicação terapêutica nas diversas áreas de atuação do enfermeiro como, por exemplo: na assistência de Enfermagem, na área de educação para a saúde, na pesquisa e na área da docência, nos explicitando que:

Comunicação terapêutica é a competência do profissional de saúde em usar o conhecimento sobre comunicação humana para ajudar o outro a descobrir e utilizar sua capacidade e potencial para solucionar conflitos, reconhecer as limitações pessoais, ajustar-se ao que não pode ser mudado e a enfrentar os desafios à auto-realização, procurando aprender a viver da forma mais saudável possível, tendo como meta encontrar um sentido para viver com autonomia (Stefanelli, 2005, p. 65).

Sabe-se que uma das principais preocupações no estudo da comunicação é a codificação da mensagem que é feita por meio do uso de signos, pois na comunicação a realidade de uma pessoa é representada para si mesma e para o outro com signos¹⁷. E a relação entre o signo e o significado é a codificação.

Ainda sobre o processo comunicacional Stefanelli (2005, p. 29) refere que:

Para tal processo ter início, há sempre alguém (**emissor**) com uma curiosidade, necessidade de transmitir ou saber algo ou um conteúdo (**mensagem**) que precisa ser esclarecido, dito para outra pessoa. O emissor sente-se, então, estimulado a iniciar um contato interpessoal e pensa em como fazê-lo (**codificação**) e como enviá-lo (**canal**) a fim de tornar comum o conteúdo de sua informação ou idéia para a outra pessoa (**receptor**). Este, por sua vez, reagirá à mensagem recebida apresentando sua reação (**resposta**). [grifos da autora]

Em suma, o processo comunicacional, objeto de estudo de inúmeros pesquisadores^{1,17-19,21-26,33-37}, tem como principais elementos os itens listados a seguir:

- *contexto* – é uma realidade, ou uma situação em que a interação ocorre.
- *interlocutores ou comunicadores* – indivíduos que fazem parte da interação e que podem ser ora receptores e ora emissores da mensagem, em momentos diferentes, numa mesma situação comunicacional.
- *mensagem* - conteúdo a ser passado, ou seja, informações que vêm carregadas de emoções e intenções e que nem sempre são adequadamente decodificadas. Pode ser verbal e/ou não verbal.
- *signos* – são sinais ou símbolos usados na emissão das mensagens, que a depender do contexto, podem ter mais de uma interpretação possível.
- *meios ou canais* – são as formas de que nos utilizamos para passar a informação como: gestos, palavras, expressões faciais, distâncias mantidas, objetos e adornos que usamos, entre outros.

O processo comunicacional é complexo e nele ainda estão inseridos os tipos de comunicação, que podem ser divididos em dois grandes grupos: a comunicação verbal e a comunicação não verbal.

Silva ¹ (2006, p. 28) descreve essas duas dimensões da comunicação interpessoal:

- **comunicação verbal** – refere-se às palavras expressas por meio da fala ou escrita;
- **comunicação não verbal** – não está associada às palavras e ocorre por meio de gestos, silêncio, expressões faciais, postura corporal, etc.

Vale ressaltar que na comunicação verbal apenas as palavras faladas ou escritas fazem parte desse tipo de comunicação, pois a forma que estas palavras são proferidas, ou seja, a entonação que se dá às palavras, o ritmo e o tom de voz que se impõe a elas, por exemplo, já fazem parte da comunicação não verbal.

Mehrabian³⁸ um dos principais psicólogos sociais que estudou os sinais não verbais da comunicação humana, referiu que numa interação apenas **“7% do significado é transmitido pelas palavras, que 38% é transmitido por sinais paralinguísticos e que 55% é transmitido por sinais do corpo”** [grifo nosso], ou seja, 93% da nossa linguagem é composta do não verbal e daí a sua importância.

3.2 A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

“O homem é um ser multissensorial.
De vez em quando, ele verbaliza”
Birdwhistell

A comunicação não verbal é composta por tudo o que pode ter algum significado para os interlocutores, ou seja, tanto para o emissor quanto para o receptor, exceto as palavras por elas mesmas, podendo ser classificada como se segue^{1, 26}:

- *cinésica* – é a linguagem do corpo, com todos os seus movimentos, que vão desde gestos manuais, movimentos de membros, meneios de cabeça, até expressões faciais, por mais sutis que pareçam.
- *proxêmica* – é o estudo dos espaços interpessoais, da distância que é mantida pelos participantes da interação, indicando o tipo de relação que existe entre eles, denotando, por exemplo, diferenças de status, preferências, simpatias e relações de poder.
- *tacêsica* – é o toque, ou a expressão tátil de comunicação, que envolve, por exemplo, a pressão exercida, o local onde se toca, a idade e o sexo dos participantes da interação. O toque é estudado tanto como expressão de afetividade, quanto instrumento de sensação.
- *paraverbal ou paralinguagem* – diz respeito a qualquer som emitido pelo aparelho fonador, que não faça parte do sistema sonoro da língua usada. Envolve desde o ritmo, a intensidade e a entonação da voz, até o ênfase que é dado às palavras, grunhidos (“ah”, “er”, “uh”), ruídos vocais de hesitação, tosses provocadas por tensão e o próprio silêncio.
- *características físicas* da pessoa como a forma e a aparência do corpo, também transmitem informações como faixa etária, sexo, etnia, classe social, estado de saúde e etc, assim como objetos que a pessoa usa, demonstrando seu autoconceito, como jóias, roupas, tipo de carro e também relações que mantêm, observando-se alianças e anéis de graduação, por exemplo.
- *o ambiente* em que a relação acontece também deve ser considerado como elemento da comunicação não verbal e para tal devem ser avaliados, por exemplo, a disposição dos móveis

e objetos no espaço, além de características do próprio espaço como cor, forma e tamanho do ambiente.

Na comunicação não verbal, especificamente na paralinguagem ou paraverbal, vale destacarmos a importância do silêncio numa interação. Sobre esse tópico, Watzlawick, Beavin & Jackson³⁷ referem que o comportamento não tem oposto, ou seja, não existe um não comportamento. E se todo comportamento representa uma situação de interação, tendo valor de mensagem, então todo comportamento é comunicação. Sendo assim, não existe a não comunicação. Tanto a atividade quanto a inatividade, tanto palavras quanto silêncio, tudo possui um valor de mensagem e, portanto, é comunicação. Até mesmo o fato de pessoas não responderem a essa comunicação silenciosa, é considerado comunicação.

É importante destacar que a análise dos signos emitidos na comunicação não verbal deve ser feita com certa cautela, ou seja, os signos como gestos, expressões faciais, meneios de cabeça, dentre inúmeros outros sinais que compõe uma mensagem, não podem ser avaliados sem considerarmos o contexto em que estão inseridos. Davis³⁹ afirma que “o significado da mensagem está sempre inserido num contexto e jamais em algum movimento isolado do corpo”. Acrescenta que não existe um dicionário de gestos inconscientes que seja confiável, porque o significado da mensagem sempre deve ser buscado dentro de um contexto e exemplifica, afirmando que quando uma mulher senta com os braços e as pernas rigidamente cruzados não deve ser interpretada, de maneira simplista, como sinal de que ela é inabordável, pois **a maioria das vezes**, isso é verdade, mas que, no entanto, para que tenhamos certeza dessa interpretação, é preciso recorrer ao contexto, ver o que ela faz com o corpo, examinar as pessoas que a rodeiam, etc.

A infinidade de possíveis significados e interpretações, além de suas várias funções dentro do processo comunicacional, torna a comunicação não verbal um campo fascinante e apaixonante de ensino e pesquisa, especialmente na área de Enfermagem que lida diretamente com

o ser humano, que é “pura comunicação”! Também no processo de ensino-aprendizagem o não verbal tem um papel fundamental tanto para o docente quanto para o discente de Enfermagem, quer para a interação entre ambos, quer para a contribuição na formação da identidade pessoal e profissional do discente.

3.3 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Diversos autores^{27,40-43} discorrem sobre o processo ensino-aprendizagem e, especialmente na Enfermagem, Atkinson & Murray²⁷ afirmam que o ensino envolve a antecipação e a criação de uma mudança predeterminada no aprendiz, podendo ser observável (como a realização de alguma técnica, por exemplo), ou não observável (como quando envolve a alteração de sentimentos ou o modo de pensar).

Pode-se afirmar que três elementos estão envolvidos na aprendizagem, sendo o primeiro deles o fato de que *a aprendizagem é um processo que envolve certo tipo de mudança no aprendiz*, que pode ser uma mudança de atitude, de uma prática, ou de um pensamento; o segundo elemento é o fato de que a mudança constitui um resultado de prática ou de experiência, e não devido a um estado físico/ mental temporário, ou a um crescimento e um amadurecimento normais, que possam fazer parte do processo natural de desenvolvimento; e o terceiro elemento da aprendizagem é *que a sua ocorrência é inferida a partir de mudanças de comportamento no aprendiz*. Estando contemplados esses três elementos, pode-se concluir que o indivíduo aprendeu algo²⁷.

Para Bordenave & Pereira⁴⁰ *a aprendizagem é um processo integrado no qual toda a pessoa (intelecto, afetividade, sistema muscular) se mobiliza de maneira orgânica*, sendo um processo qualitativo, em que a pessoa fica melhor preparada para novas aprendizagens, com uma transformação estrutural de sua inteligência; e não um processo quantitativo, pelo simples aumento numérico do conhecimento. Acrescentam ainda que a

aprendizagem acontece no aluno e é realizada por ele, pois ninguém pode aprender pelo outro, ou ainda, o professor não pode obrigar o aluno a aprender.

Existem alguns fatores que afetam o processo de ensino e que podem estar relacionados: ao aluno, ao assunto e ao professor. Em relação ao aluno podem interferir no processo de ensino: motivações pessoais, conhecimentos prévios que o aluno traz consigo, a relação mantida com o professor e a atitude do aluno perante a disciplina. Já em relação ao assunto, os fatores intervenientes são: a estrutura do assunto - seus componentes e relações, os tipos de aprendizagem requeridos para o entendimento de determinado assunto e a ordem de apresentação do assunto. No que diz respeito ao professor, pode-se listar: a situação estimuladora do ambiente preparada pelo professor, a adequada comunicação verbal de instruções para os alunos, a informação que o professor dá ao aluno sobre seus progressos, a relação mantida com o aluno e a atitude do docente com a matéria ensinada⁴⁰.

Essa importante interveniência do docente no processo de ensino- aprendizagem também é abordada por Freire⁴² e Perrenoud⁴³ em suas obras. Freire⁴², por exemplo, quando aborda sobre o educador democrático, afirma que uma das virtudes desse tipo de educador é “saber como ouvir”, principalmente as minorias, referindo-se aos representantes das minorias oprimidas que podem estar relacionadas tanto a um aluno negro com sua linguagem específica, quanto a um aluno rico.

Já Perrenoud⁴³ apresenta “10 novas competências para ensinar” a serem adquiridas e trabalhadas pelos docentes, a saber: 1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem; 2. Administrar a progressão das aprendizagens; 3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação dos alunos; 4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho; 5. Trabalhar em equipe; 6. Participar da administração da escola; 7. Informar e envolver os pais; 8. Utilizar novas tecnologias; 9. Enfrentar os

deveres e os dilemas éticos da profissão e 10. Administrar sua própria formação contínua.

Mais especificamente na Enfermagem, pode-se encontrar inúmeras pesquisas, tanto nacionais quanto internacionais que têm se voltado para o estudo da avaliação e/ou melhoria do processo de ensino-aprendizagem, utilizando-se de múltiplas técnicas e abordagens, além de discussões acerca das melhores maneiras para sua aplicabilidade^{29,44-73}.

Uma técnica para melhoria do processo de ensino-aprendizagem descrita por Barrington & Campbell⁴⁷ é a técnica de mapeamento MUDD, assim denominada por Barrington, uma educadora em Enfermagem, que a descreve como uma estratégia de ensino-aprendizagem destinada a melhoria da qualidade do aprendizado em sala de aula. MUDD é o acrônimo de *My Understanding through Dialogue and Debate*, que numa livre tradução nossa significa: *meu entendimento através do diálogo e debate*. As autoras explicam que cada palavra desse acrônimo foi intencionalmente atribuída e os aprendizes são participantes ativos do próprio aprendizado. A estratégia MUDD consiste no que o próprio significado representa, ou seja, são diálogos e debates em que o docente é o mediador e os aprendizes é quem expressam suas opiniões e conceitos, a partir de sua própria experiência, juntamente com a leitura de textos e referenciais teóricos, indicados pelo docente e previamente lidos. É uma estratégia de baixo custo e simples porque requer poucos recursos como: um *Flip chart*, ou algum outro grande quadro para anotações e uma área com a configuração física para a formação de um círculo, um semi-círculo, ou de algum outro modo em que todos se enxerguem. É importante reservar tempo suficiente para essa atividade interativa, que seria, também, o mesmo tempo que o docente reservaria para outra atividade de ensino-aprendizagem.

Nessa técnica, o docente escreve uma palavra chave em um círculo e fora do círculo desenha setas de sentido duplo para que os discentes, um a um, escrevam outras palavras relacionadas à palavra chave, explicando o porquê da escolha de tais palavras e sua relação com a palavra

chave. Como exemplo, as autoras usam a discussão sobre a Parada Cárdio respiratória, a ser colocada no círculo pelo docente, e para que os discentes participem da discussão, um deles inicia colocando, por exemplo, a palavra ‘ventilações’ e explica seu conceito, como devem ser realizadas, iniciando-se assim a discussão, em que os demais discentes podem participar e trocar seus conceitos e experiências, sempre mediados pelo docente⁴⁷.

Barrington & Campbell⁴⁷ ainda referem que docentes que usaram essa técnica sentiram-se gratificados e satisfeitos com o diálogo dos aprendizes acerca dos conceitos discutidos e acrescentam que essa técnica é o “paraíso para os professores estarem em um ambiente de ensino-aprendizagem em que os aprendizes estão formulando e verbalizando seu entendimento dos conceitos do curso, através do diálogo” e que, por outro lado, a recompensa para os aprendizes está em saber que ele pode participar totalmente, defendendo uma posição ou crença particular e ainda sentir-se seguro para explorar suas percepções e entendimentos relacionados ao curso, além de ser capaz de testar a validade de suas percepções de um modo construtivo.

Ainda visando a melhoria do processo de ensino-aprendizagem Moura & Mesquita⁴⁵ realizaram uma pesquisa exploratória e descritiva para avaliar o processo de ensino-aprendizagem na visão dos alunos. Essa pesquisa foi feita numa instituição de ensino superior, de esfera administrativa privada, localizada na cidade de Teresina, no Piauí, com a finalidade de verificar a percepção dos graduandos do curso de Enfermagem, frente às estratégias de ensino-aprendizagem vivenciadas pelos alunos. Foi uma pesquisa qualitativa em que os dados foram coletados por meio de entrevista semi-estruturada aplicada a 12 alunos de Enfermagem. Em relação à questão que abordava o “Conceito das estratégias de ensino-aprendizagem”, os graduandos responderam: “*Método utilizado pelo professor para repassar o conteúdo para os estudantes de uma forma objetiva e sábia*”; “*É quando o professor muda o padrão da aula, é quando ele permite questionamentos e a participação do aluno*”; “*É uma forma que o professor utiliza para chamar a atenção do aluno para assimilar*

o conteúdo e ficar mais interessante à aula com uso de instrumentos visuais”. Em relação à identificação das estratégias de ensino-aprendizagem que são utilizadas pelos professores no ensino teórico do curso de Enfermagem da referida instituição, nos depoimentos observou-se que todos os 12 alunos (100%) entrevistados referiram Grupo de Discussão e Aula Expositiva. Outras estratégias que tiveram destaque significativo por esses graduandos foram Seminário (91,6%) e Filmes (66,6%), ou seja, em sua maioria os relatos foram referentes às técnicas socializantes que buscam o aprendizado através da interação do grupo e da participação dos alunos.

É importante ressaltar que mesmo com todas as restrições que possam ser feitas sobre esse último estudo (de natureza regional, qualitativo – sabidamente com abordagem de um número restrito de sujeitos), ainda que as generalizações a serem feitas devam ser cautelosas, podemos destacar dois pontos: o primeiro é que os alunos conseguem identificar o que são técnicas de ensino-aprendizagem, descrevendo-as de maneira adequada, demonstrando, assim, conhecimento sobre as mesmas e o segundo é essa preocupação dos pesquisadores (que também são docentes), sobre como os alunos tem percebido, recebido e participado efetivamente do processo de ensino-aprendizagem, em que está, intrinsecamente ligado, o processo comunicativo, nosso objeto de estudo.

Ainda sobre a reflexão acerca da melhoria do processo de ensino-aprendizagem, outro estudo⁴⁶ foram analisadas duas estratégias de ensino: anotações de aula, combinadas com discussão em grupo estruturado *versus* anotações de aula, apenas. O grupo controle, que utilizou-se apenas de anotações de aula, foi comparado ao grupo experimental, que se utilizou de anotações e discussão em grupo. Os resultados mostraram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos experimentais e controle, fornecendo um forte apoio para o uso de anotações de aula em conjunto com discussão em grupo estruturado como uma importante estratégia de ensino. Considerando-se particularmente importante na área da saúde como um todo, em que o mediador da discussão em grupo (em estudos de caso

de pacientes e em discussões clínicas, por exemplo) é o próprio docente (Preceptor ou Tutor, por exemplo).

Em estudo de 10 anos atrás³², com 46 enfermeiros de 3 diferentes instituições hospitalares, sobre sua percepção e seu modo comunicacional, especialmente o não verbal, os resultados apontaram uma percepção de, no máximo, 61% de sinais não verbais, para as 46 interações (considerando as 3 instituições hospitalares), mesmo após terem recebido treinamento sobre o tema, ou seja, os resultados mostraram que os enfermeiros conseguiram perceber sinais não verbais, mas não em sua totalidade, comparados aos sinais percebidos pela pesquisadora. Esses achados indicavam já naquela época essa dificuldade na percepção do não verbal e a autora sugeria a necessidade de investimentos contínuos na qualidade de ensino oferecido aos alunos de Enfermagem, sendo, portanto, de suma importância para os docentes de Enfermagem que são responsáveis pela formação dos futuros profissionais enfermeiros.

3.4 A COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA ENFERMAGEM

Sobre a comunicação no processo de ensino-aprendizagem, as abordagens dos estudos voltam-se tanto para docentes quanto para discentes^{2-11,15-16,28-30,74-80}, além discorrerem, tanto sobre o processo comunicacional como facilitador do ensino e da aprendizagem, quanto do ensino da própria comunicação aos discentes.

Spagnuolo & Pereira³¹, em um estudo de revisão bibliográfica sobre as Práticas de saúde em Enfermagem e Comunicação, relataram que nos estudos analisados nota-se uma crescente preocupação por parte das instituições de ensino e seu corpo docente, além de pesquisadores, em abordar a questão da comunicação no ensino da Enfermagem.

Com os avanços tecnológicos invadindo o espaço da sala de aula, outras estratégias de comunicação vêm acrescentar dinamismo ao processo

comunicativo do ensino-aprendizagem. Um trabalho⁴⁹ descreve uma proposta educacional que teve origem no Estágio de Docência de uma mestranda (supervisionada pela sua orientadora), vinculada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Enfermagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nessa proposta, o objetivo foi proporcionar interatividade à técnica do diário de campo, utilizando um ambiente virtual de aprendizagem através da sugestão de formação de grupos de discussão virtual para realizar o diário de campo em uma disciplina da graduação em Enfermagem e, assim, oferecer a oportunidade de discussão conjunta das vivências acadêmicas em campo de prática. Os professores de graduação da referida disciplina, na qual a proposta foi desenvolvida, também foram inseridos nas atividades. Como resultados observou-se que a tecnologia virtual trouxe mais dinâmica à técnica de diário de campo, permitindo troca de experiências entre os acadêmicos, o docente da disciplina e a mestranda, assim como momentos de reflexão e discussão sobre temas confrontados na prática da Enfermagem.

Além do referido dinamismo que essa tecnologia de diário de campo virtual traz à comunicação no processo de ensino-aprendizagem há, também, um importante reforço aos laços entre docente e alunos, que se estreitam e favorecem contatos presenciais posteriores (aumentando a possibilidade de trocas e interações entre ambos), ou seja, favorecendo a comunicação presencial, pois é sabido que os alunos se sentem mais à vontade para se colocarem e discutirem suas ideias em ambientes virtuais.

Apesar dos ambientes virtuais de ensino serem uma seara à parte, é importante destacarmos alguns pontos a seu respeito. O Ensino à Distância (EAD) oferece, dentre outras facilidades, “redução de distâncias” para o aprendizado e no caso de discussões virtuais⁴⁹: individualização da aprendizagem, personalização da atenção oferecida aos alunos, respeitando o ritmo de aprendizado e outras características individuais, sendo também uma oportunidade de ensino que favorece, como dito anteriormente, a participação de alunos mais reservados que se sentem mais à vontade para tecer comentários e participarem de discussões.

Entretanto, a comunicação, principalmente a não verbal, é prejudicada no EAD, pois com interação e troca face a face reduzidas ou inexistentes (mesmo com aulas virtuais em tempo real), passa a ser fundamental que os docentes aprimorem suas habilidades de assertividade, além de aumentarem seu conhecimento e consciência dessas diferenças comunicacionais em ambientes virtuais, adequando-se assim à decodificação das mensagens verbais e não verbais emitidas por ele e pelos alunos quando em uma aula interativa, por exemplo.

Rocha & Silva⁵ afirmam que existem comportamentos comunicativos verbais e não-verbais que podem motivar o aluno a melhorar seu aprendizado, pois em seu estudo os resultados indicaram como fatores facilitadores da interação em sala de aula a dinâmica utilizada em aula, a boa comunicação professor-aluno e o conteúdo relevante, corroborando com os estudos anteriormente citados.

Em pesquisa feita com graduandos de Enfermagem de duas Universidades Federais de Minas Gerais, constatou-se que, embora 90% dos alunos relatassem conhecer os conteúdos sobre comunicação, eles apresentaram dificuldades em desenvolver na prática os conhecimentos teóricos sobre esse assunto³⁰. Essa dificuldade do aluno em ancorar os conceitos de comunicação pode estar relacionada ao docente que não desenvolve na prática esses conceitos, ou seja, se o docente não ancora seus conhecimentos de comunicação, tampouco o fará o aluno, que tem no docente, muitas vezes, o exemplo para suas condutas.

Especificamente sobre a comunicação não verbal há diversos estudos^{2-4,16,28-29,44,50,76,78,80} que relatam tanto sua influência no processo de ensino-aprendizagem quanto técnicas em que essa comunicação está envolvida, mas estudos que abordem o **papel da comunicação** não verbal do docente na interação com os alunos em sala de aula, ainda são escassos.

Nesse contexto, um exemplo de estudo não verbal foi uma pesquisa⁴⁴ realizada com o objetivo de conhecer a percepção de estudantes de Enfermagem quanto aos aspectos físicos, pedagógicos e humanos referentes ao laboratório de Enfermagem no processo ensino-aprendizagem. Como já descrito anteriormente, o ambiente é uma das dimensões da comunicação e, portanto, tem importante papel no processo de ensino-aprendizagem a ser considerado. Participaram da amostra 85 alunos e os resultados mostraram que um total de 58,8% dos alunos avaliou a estrutura física como ruim ou regular; já a acomodação foi avaliada por 50,6% dos alunos como ruim e péssima. Entre outros achados, portanto, a maioria dos aspectos obteve conceito bom, exceto a infra-estrutura física; o aspecto melhor avaliado foi o recurso humano.

Independente da abordagem do assunto “comunicação”, quer seja do discente, do docente ou mesmo do próprio enfermeiro, a comunicação é um objeto de estudo dentro do processo de ensino-aprendizagem que merece atenção e novos estudos para aprimorarmos cada vez mais a interação a troca, a convivência e o aprendizado como um todo.

Hipóteses de Estudo

- Os docentes de Enfermagem são **capazes** de perceber os sinais não verbais **mais gerais** de sua comunicação com os alunos em sala de aula, ao se verem filmados em alguma de suas aulas.
- Os docentes de Enfermagem são **incapazes** de perceber os sinais não verbais **mais sutis** de sua comunicação com os alunos em sala de aula, ao se verem filmados em alguma de suas aulas.

MÉTODO

4 MÉTODO

4.1 TIPO DE PESQUISA

Exploratória, descritiva, de campo, com abordagem quanti-qualitativa.

4.2 LOCAL DA PESQUISA

Uma universidade de esfera administrativa privada que possui quatro campi na cidade de São Paulo, sendo que em três deles há o curso de graduação em Enfermagem.

4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Na época da realização da coleta de dados (segundo semestre de 2011), nossa população total era de 18 enfermeiros (N=18), docentes de graduação em Enfermagem. Para compor nossa amostra foram convidados a participar da pesquisa todos esses 18 profissionais, em cada um dos 03 campi da cidade de São Paulo, nos dois períodos (matutino e noturno), em que era oferecido o curso de graduação em Enfermagem da referida instituição. Os docentes convidados deveriam ministrar pelo menos uma disciplina para algum dos semestres do curso de Enfermagem, na universidade sediadora da pesquisa, na cidade de São Paulo.

Foram excluídos da amostra:

- Enfermeiros que prestavam serviços para a instituição sediadora da pesquisa e que não eram docentes.

- Enfermeiros docentes que ministravam aulas em outros cursos que não o de Enfermagem.

O total de nossa amostra foi de 11 docentes (n=11).

4.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Após a aprovação deste projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), processo nº 1049/2011/CEP-EEUSP, SISNEP CAAE nº 0054.0.196.251-11 (Anexo 2), encaminhamos o projeto via e-mail para a coordenadora do curso de Enfermagem da Instituição sediadora da pesquisa (contatada anteriormente e favorável à realização da mesma), que o enviou às instâncias cabíveis da referida instituição para aprovação da coleta de dados. Após aprovação da Instituição sediadora, nos reunimos com a coordenadora do curso Enfermagem, para explicarmos melhor a operacionalização da mesma, além de obtermos os e-mails dos possíveis sujeitos. No contato de e-mail com os sujeitos/ docentes foi feito o convite formal, sendo também oferecida uma explicação clara e sucinta sobre a pesquisa. Com aqueles sujeitos que disponibilizaram contato telefônico, também esclarecemos a pesquisa por telefone.

Com os docentes que aceitaram participar, foi agendado individualmente um dia para que fosse assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE 1) e realizada a filmagem da aula. Os dados foram coletados nos dias e horários em que as disciplinas eram ministradas pelos docentes participantes da pesquisa, conforme o horário de aulas da instituição, tanto do período noturno quanto do período matutino. O curso não é oferecido no período da tarde.

Vale ressaltar que foram escolhidas disciplinas que faziam parte de um conteúdo específico para o curso de Enfermagem, que fossem ministradas por docentes de Enfermagem, enfermeiros e de preferência no

início do semestre, em um momento em que docente e alunos ainda pouco se conheciam, para que não houvesse interferência sobre os sinais não verbais emitidos pelo docente, a partir do conhecimento prévio que poderiam ter.

No primeiro momento foi usada a filmagem para captar o processo comunicativo entre docentes e discentes no contexto de ensino-aprendizagem, no ambiente de sala de aula, uma vez que se sabe que a comunicação é um processo dinâmico, exigindo-se assim que seja utilizada alguma técnica capaz de captar tal dinamismo.

O vídeo tem a função de registrar dados, sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador, enquanto ele se desenrola, como em rituais religiosos, cerimônias ao vivo - como o casamentos, uma hora de ensino em sala de aula, entre outros⁸¹.

Outras formas de captar a comunicação não verbal são: a observação direta da interação no momento em que ela está ocorrendo, entre os sujeitos pesquisados, feita por um outro observador; fotos do momento da interação e gravação dos sons emitidos pelos sujeitos pesquisados. Entretanto, como nossa intenção era que o próprio docente visse a sua comunicação não verbal, a observação direta por outra pessoa não se adequaria; as fotos assim como os sons retratariam parcialmente a comunicação não verbal. O único recurso disponível foi a filmagem, pois dessa maneira o sujeito pesquisado teria a oportunidade de se ver e se rever após o momento em que a interação já houvesse ocorrido.

Para Minayo⁸² a filmagem é apontada como uma técnica que dá oportunidade de documentar momentos ou situações que ilustram o universo pesquisado, e é particularmente interessante para lidar com planos de imagem e comunicação.

Especialmente em relação às expressões faciais, Knapp⁸³ refere que algumas investigações sugerem que obtemos juízos mais corretos quando nos utilizamos de expressões filmadas para observarmos.

A filmagem foi iniciada após ter decorrido o tempo de 30 minutos do início da aula (considerando que nos 30 minutos iniciais há um período de “aquecimento”, quando o docente, ou ainda faz a chamada dos alunos, ou dá algum recado, antes do início efetivo da aula).

Os docentes foram, primeiramente, filmados um a um, durante uma de suas aulas expositivas da disciplina escolhida, por cerca de 20 minutos ininterruptos, num enquadramento de meio corpo (superior), considerando que é nele em que é apresentada a maior parte dos sinais não verbais.

O foco da pesquisa e da filmagem foi única e exclusivamente o docente e, para tanto, vale reforçar que a filmadora foi posicionada para captar apenas o docente, em um enquadramento de meio corpo (superior). Os alunos estavam de costas e não apareceram na filmagem. Foi-lhes explicado sobre a pesquisa, seus objetivos e que não apareceriam na filmagem, por não serem o foco da pesquisa no momento.

Num segundo momento, foi agendado com cada docente um dia para que assistisse o trecho filmado de sua aula, juntamente com a pesquisadora. Antes da projeção do filme, a pesquisadora explicou ao docente como era composto e de que maneira deveria ser preenchido o instrumento de coleta de dados, além de informar que o docente poderia assistir a filmagem uma segunda vez para o preenchimento desse instrumento, caso julgasse necessário. Cada docente, portanto, assistiu sua filmagem e preencheu um formulário (instrumento de coleta de dados) (APÊNDICE 2). Nesse formulário os docentes descreveram os momentos em que eles emitiram sinais não verbais que entendiam ser intervenientes no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, dividindo esses sinais entre sinais não verbais de uso efetivo e sinais não verbais de uso ineficaz.

Ainda nesse segundo momento, foi realizada uma entrevista formal semi estruturada, gravada com uso de um gravador digital, pois a entrevista qualitativa nos fornece dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação, com o objetivo de compreender detalhadamente as crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos⁸⁴.

Nosso roteiro de perguntas foi o seguinte:

1. Como você se viu na filmagem?
2. O que você observou da sua comunicação não verbal?
3. Como você acha que pode ser a comunicação não verbal de um docente em sala de aula?

Ao final dessa entrevista, a pesquisadora forneceu a devolutiva ao docente, pontuando quais foram os sinais não verbais de uso efetivo e quais foram os sinais não verbais de uso ineficaz que o docente emitiu nesse trecho de filmagem, tendo como base o quadro esquemático proposto por Silva¹ (ANEXO 1).

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta de dados com os docentes, a pesquisadora, assim como os docentes, também assistiu individualmente às filmagens, em outro momento, preenchendo um formulário (APÊNDICE 2) para cada docente, para posteriormente comparar com a visão dos docentes.

Os dados obtidos pelo preenchimento, tanto dos docentes, quanto da pesquisadora foram analisados pela mesma, tendo como base o quadro esquemático proposto por Silva¹ e transcritos no **ANEXO 1**. Os resultados encontrados foram apresentados por meio de estatística simples, com as frequências de docentes que conseguiram identificar os momentos em que

emitiram sinais não verbais em sala de aula, item a item, comparando-os com o quadro proposto por Silva¹.

Os discursos obtidos por meio da entrevista formal gravada, a partir do roteiro semiestruturado foram analisados à luz da Análise de Conteúdo proposta por Bardin⁸⁵, que descreve a análise de conteúdo como o conjunto de técnicas de análise de comunicação, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores, qualitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise foi organizada seguindo as seguintes categorias de análise pré-determinadas:

1. A percepção que o docente tem sobre sua imagem e sobre sua comunicação não verbal em situação de ensino-aprendizagem em sala de aula;
2. A opinião do docente sobre uma comunicação não verbal efetiva e eficaz em sala de aula.

RESULTADOS

5 RESULTADOS

5.1 O PERÍODO DA COLETA DE DADOS E OS SUJEITOS DA PESQUISA

No período de 22 de agosto de 2012 a 17 de novembro de 2012, em um total de 18 docentes de Enfermagem (100%) da instituição sediadora da pesquisa, foram filmados e entrevistados 11 docentes (61,11%). Dos docentes que não participaram, 05 (27,77%) já estavam em campo, em período de acompanhamento de estágio dos alunos de oitavo semestre, 01 docente (5,55%) referiu que não se sentiria à vontade se fosse filmado e com 01 docente (5,55%) houve desencontros de agendas e disponibilidade, embora esse tivesse expressado interesse em participar da pesquisa, a princípio.

O tempo médio de docência dos sujeitos de pesquisa foi de 18 anos, com um mínimo de sete anos e o máximo de 29 anos lecionando.

5.2 O CONTEXTO

Sobre o contexto, Ekman⁸⁶ nos refere que a mesma microexpressão pode ter significados muito diferentes em diversos contextos, daí a necessidade de, inicialmente, expormos o contexto em que os docentes foram filmados, pois é a partir dele que foram decodificados os sinais não verbais.

Todos os docentes foram filmados no ambiente de sala de aula em que as carteiras dos alunos ficavam dispostas enfileiradas da maneira tradicional, sendo que em dois dos três campi, as carteiras eram muito unidas, com pouca opção de mobilidade, dificultando, assim, tanto o trânsito livre do docente em sala de aula, quanto quaisquer mudanças de lugar das

carteiras para algum outro tipo de disposição dos móveis na sala. Também havia uma mesa de apoio para o docente, que ficava posicionada perto de um quadro branco, em um dos lados da sala, a depender da sala, ou seja, ora à esquerda, ora à direita, geralmente oposta à porta de entrada da mesma. O quadro branco muitas vezes era usado para projeção de slides por meio de um monitor conectado a um computador pessoal e cada docente trazia, então, o seu computador para utilização em aula. Alguns docentes, às vezes, se utilizavam do quadro branco, também, para explicar a matéria.

Ainda dentro do contexto, sobre o uso do jaleco em sala de aula, é necessário esclarecer que nessa instituição, segundo a coordenação do curso de Enfermagem: *“O uso de jaleco é opcional em sala de aula, mas recomendado nos núcleos clínicos e aulas práticas no laboratório”*.

5.3 CATEGORIZAÇÃO DAS FILMAGENS

Foram construídos 2 quadros comparativos para cada filmagem, sendo que o primeiro quadro se refere aos SNV emitidos nos 5 minutos iniciais da filmagem, comparado aos SNV dos demais 15 minutos de filmagem (na visão da pesquisadora) e o segundo quadro se refere aos SNV dos 15 minutos de filmagem (na visão da pesquisadora), comparados à decodificação dos SNV feitas pelo próprio docente. Resultantes das 11 filmagens temos, portanto, a soma de 22 quadros comparativos (**Compact Disc anexado à contracapa, ao final da dissertação - APÊNDICE ESPECIAL**). Desses 22 quadros foram construídos mais 2 quadros síntese, totalizando 24 quadros esquemáticos, que trazem a decodificação dos sinais não verbais emitidos pelos docentes de acordo com as filmagens. As filmagens foram numeradas em algarismos arábicos, conforme sua ordem cronológica de acontecimento. A separação da filmagem em dois períodos (cinco e quinze minutos) se fez necessária, pois nos minutos iniciais de filmagem há um período de ajuste frente à câmera; período este, em que as pessoas podem demonstrar mais sinais de nervosismo, ansiedade e tensão.

Passado esse período, a pessoa filmada tende a mostrar seu desempenho usual.

Para melhor exposição e entendimento dos resultados, a seguir apresentamos os 2 quadros síntese com a decodificação dos sinais não verbais (SNV) emitidos pelos docentes, de acordo com as filmagens realizadas.

Quadro 1 – Síntese da análise comparativa dos dados encontrados na decodificação dos sinais não verbais emitidos pelos 11 docentes em sala de aula (5 minutos iniciais X 15 minutos finais de aula expositiva) – visão da pesquisadora

NÃO VERBAL	5 minutos iniciais		15 minutos finais	
	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**
1. Postura	Atenta - 4 (36,36%)	<ul style="list-style-type: none"> Rígida - 2 (18,18%) Séria - 1 (9,09%) Agitada/ acelerada - 4 (36,36%) Olhando p câmera - 1 (9,09%) Atenta, mas agitada/ impaciente - 1 (9,09%) 	Relaxada, mas atenta - 10 (90,90%)	Atenta, mas impaciente/ irrequieta - 1 (9,09%)
2. Contato dos olhos	Regular, médio, olhando para os alunos em geral - 9 (81,81%)	<ul style="list-style-type: none"> Olhando bastante p câmera 1 (9,09%) Lateralizada ou de costas nos primeiros minutos. - 1 (9,09%)* Voltado p alunos à Direita do vídeo - 1 (9,09%) 	Regular, médio, olhando para os alunos em geral - 11 - (100%)	Em alguns momentos escreve no quadro enquanto fala com os alunos (permanece de costas falando com os alunos) - 1 (9,09%)
3. Móveis	Mesa de apoio do docente em uma das laterais da sala (à direita ou à esquerda do vídeo) e carteiras em estilo tradicional, (enfileiradas), PERMITINDO a passagem entre elas - 6 - (54,54%).	Mesa de apoio do docente em uma das laterais da sala (à direita ou à esquerda do vídeo) e carteiras em estilo tradicional, (enfileiradas), MUITO UNIDAS, QUASE NÃO permitem a passagem entre elas. - 5 (45,45%).	Mesa de apoio do docente em uma das laterais da sala (à direita ou à esquerda do vídeo) e carteiras em estilo tradicional, (enfileiradas), PERMITINDO a passagem entre elas - 6 (54,54%).	Mesa de apoio do docente em uma das laterais da sala (à direita ou à esquerda do vídeo) e carteiras em estilo tradicional, (enfileiradas), MUITO UNIDAS, QUASE NÃO permitem a passagem entre elas. - 5 - (45,45%).

Continua ...

* Uso efetivo/eficaz – comportamentos que encorajam a fala do outro porque demonstram aceitação e respeito

** Uso ineficaz – comportamentos que, provavelmente, enfraquecem a conversação

(adaptado do modelo não verbal de comunicação de Silva MJP. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 8a ed. Pag. 105. São Paulo: Loyola; 2006).

Observação: a soma das porcentagens dos comportamentos dos docentes pode ser maior do que 100%, em cada um dos aspectos avaliados, pois os docentes apresentaram comportamentos comunicativos diferentes e/ou complementares em momentos variados durante a filmagem.

RESULTADOS

.. Continuação

NÃO VERBAL	5 minutos iniciais		15 minutos finais	
	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**
4. Roupas	Simples, uso do jaleco fechado - 3 (27,27%) Simples - 4 (36,36%)	Jaleco aberto - 4 (36,36%)	• Simples, uso do jaleco fechado - 3 (27,27%) • Simples - 4 (36,36%)	Jaleco aberto - 4 (36,36%)
5. Expressão facial	• Sorridente em alguns momentos- 4 (36,36%) • Levanta as sobrancelhas e/ou arregala os olhos enquanto fala, dando ênfase ao discurso - 5 (45,45%)	• Tenso - 3 (27,27%) • Sério no início - 1 (9,09%) • Aproximando as sobrancelhas e com linhas verticais na testa (raiva) - 1 (9,09%)	• Sorridente em alguns momentos- 6 (54,54%) • Levanta as sobrancelhas e/ou arregala os olhos enquanto fala, dando ênfase ao discurso - 1 (9,09%)	• Sério, sorrindo eventualmente - 1 (9,09%) • Séria - 3 (27,27%) • Expressão de dúvida, enquanto aluna relata acontecimento pessoal (e não esclarece/ clarifica sua dúvida com a aluna) - 1 (9,09%)
6. Maneirismos	Sem maneirismos - zero	• Entrelaçar os dedos/ mexer as mãos - 4 (36,36%) • Balançar o corpo - 1 (9,09%) • Verborragia - 1 (9,09%) • Passar as mãos nos cabelos - 2 (18,18%) • Manter mãos nos bolsos - 1 (9,09%) • Ajeitar os óculos - 2 (18,18%) • Coçar sobrancelhas - 1 (9,09%) • Coçar rosto/ boca - 1 (9,09%) • Gaguejar - 1 (9,09%) • Prensar os lábios - 1 (9,09%) • Umedecer os lábios com a língua- 1 (9,09%) • Movimentar canetas nas mãos por muito tempo - 1 (9,09%)	Sem maneirismos - zero	• Entrelaçar os dedos/ mexer as mãos - 3 (27,27%) • Passar as mãos nos cabelos - 1 (9,09%) • Manter mãos nos bolsos - 1 (9,09%) • Ajeitar os óculos - 1 (9,09%) • Coçar queixo/ testa/ boca/ nariz - 4 (36,36%) • Prensar os lábios - 1 (9,09%) • Umedecer lábios com a língua- 2 (18,18%) • Movimentar canetas/ laser point sem significado nas mãos por muito tempo - 2 (18,18%) • Bater na perna - 1 (9,09%) • Ajeitar a roupa - 3 (27,27%) • Mexer em anéis - 2 (18,18%) • Passar mãos pelas coxas - 1 (9,09%) • Lambe e mordisca os lábios em vários momentos - 1 (9,09%)

Continua ...

* Uso efetivo/eficaz – comportamentos que encorajam a fala do outro porque demonstram aceitação e respeito

** Uso ineficaz – comportamentos que, provavelmente, enfraquecem a conversação

(adaptado do modelo não verbal de comunicação de Silva MJP. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 8a ed. Pag. 105. São Paulo: Loyola; 2006).

Observação: a soma das porcentagens dos comportamentos dos docentes pode ser maior do que 100%, em cada um dos aspectos avaliados, pois os docentes apresentaram comportamentos comunicativos diferentes e/ou complementares em momentos variados durante a filmagem.

RESULTADOS

.. Continuação

NÃO VERBAL	5 minutos iniciais		15 minutos finais	
	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**
7. Volume de voz	Audível – 10 (90,90%)	Audível, porém mais agudo nos minutos iniciais da aula – 1 (9,09%)	Audível – 9	<ul style="list-style-type: none"> Audível, apesar de alguns alunos pedirem silêncio para os colegas ("Xiiiul!") – 1 (9,09%) Audível, mas com volume alto para se sobrepor às vozes/conversas dos alunos – 1 (9,09%)
8. Ritmo de voz	<ul style="list-style-type: none"> Cadenciado/ médio – 5 (45,45%) Diminuição para dar ênfase à fala – 1 (9,09%) 	<ul style="list-style-type: none"> Lento e hesitante – 1 (9,09%) Acelerado – 4 (36,36%) Acelerado quando lê slide – 1 (9,09%) 	<ul style="list-style-type: none"> Cadenciado/ médio – 10 (90,90%) Diminuição para dar ênfase ao verbal – 5 (45,45%) 	<ul style="list-style-type: none"> Acelerado – 1 (9,09%) Acelerado quando lê slide – 3 (27,27%)
9. Nível de energia (física)	Alerta – 7 (63,63%)	<ul style="list-style-type: none"> Rígido – 2 (18,18%) Inquieto/ irrequieto/ impaciente – 2 (18,18%) Inquieto e com as mãos nos bolsos – 1 (9,09%) 	Em alerta – 11 (100%)	Zero
10. Distância interpessoal	<ul style="list-style-type: none"> Próximo da 1ª fileira – 9 (81,81%) Desce do tablado para se aproximar dos alunos – 2 (18,18%) 	Mais tempo em um dos lados da sala/ próximo ao computador – 6 (54,54%)	<ul style="list-style-type: none"> Próximo da 1ª fileira – 9 (81,81%) Desce do tablado para se aproximar dos alunos – 1 (9,09%) Anda na frente das carteiras/ anda pelo tablado – 3 (27,27%) Anda pela sala entre algumas fileiras – 1 (9,09%) Aproxima-se dos alunos e se senta em uma das carteiras da frente – 1 (9,09%) Aproxima-se dos alunos enquanto fazem questões – 1 (9,09%) 	Mais tempo em um dos lados da sala/ próximo ao CPD – 5 (45,45%) Centralizada, não se movimenta pela sala – 1 (9,09%)
11. Toque	<ul style="list-style-type: none"> Presente – 1 (9,09%) Ausente – 10 (não parecendo necessário dentro do contexto) – (90,90%) 	Ausente (parecendo necessário no contexto) – 0	<ul style="list-style-type: none"> Presente – 1 (9,09%) Ausente – 8 (não parecendo necessário dentro do contexto) – (72,72%) 	Ausente, poderia ter tocado pelo contexto – 2 (18,18%)

Continua ...

* Uso efetivo/eficaz – comportamentos que encorajam a fala do outro porque demonstram aceitação e respeito

** Uso ineficaz – comportamentos que, provavelmente, enfraquecem a conversação

(adaptado do modelo não verbal de comunicação de Silva MJP. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 8a ed. Pag. 105. São Paulo: Loyola; 2006).

Observação: a soma das porcentagens dos comportamentos dos docentes pode ser maior do que 100%, em cada um dos aspectos avaliados, pois os docentes apresentaram comportamentos comunicativos diferentes e/ou complementares em momentos variados durante a filmagem.

RESULTADOS

.. Continuação

	5 minutos iniciais		15 minutos finais	
NÃO VERBAL	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**
12. Cabeça	Uso do meneio positivo, clarificando o entendimento dos alunos e/ ou incentivando suas colocações e participações – 11 – (100%)	Uso do meneio negativo, contradizendo sua colocação verbal – 1 (9,09%)	Uso do meneio positivo, clarificando o entendimento dos alunos e/ ou incentivando suas colocações e participações – 11 (100%;)	Queixo levantado durante questionamento aos alunos ("com ar desafiador e inquisitório") – 1 (9,09%)
13. Postura corporal	Voltada para os alunos a maior parte do tempo – 8 (72,72%)	<ul style="list-style-type: none"> Mantendo as mãos nos bolsos ou para trás por um longo período – 3 (27,27%) Voltado para a lousa ou atrás do CPD enquanto fala com os alunos, ou enquanto algum aluno está falando – 2 (18,18%) Lateralizada lendo slides – 4 (36,36%) Balançando-se pendularmente – 1 (9,09%) 	Voltada para os alunos a maior parte do tempo – 11 (100%)	<ul style="list-style-type: none"> Em alguns momentos lateraliza-se para ler slide – 6 (54,54%) Mantém mãos nos bolsos por vários momentos – 1 (9,09%) Lateralizada alguns momentos durante explicação – 2 (18,18%) De costas/ de lado enquanto aluna pergunta ou durante explicação – 2 (18,18%) Recosta-se na mesa enquanto explica – 1 (9,09%) Mantém mãos na cintura enquanto faz questionamento aos alunos – 1 (9,09%) Senta-se em uma carteira de lado enquanto explica – 1 (9,09%)
14. Paraverbal	<ul style="list-style-type: none"> Aumento do tom de voz em partes importantes do conteúdo – 2 (18,18%) Aumento do tom de voz e diminuição do ritmo de voz para dar ênfase ao que está expondo – 5 (45,45%) 	<ul style="list-style-type: none"> hesitante/ pensativo ao responder as questões dos alunos ("eh...") – 2 (18,18%) Uso de "tá", "ok?", "né?" – 2 (18,18%) Longa pausa durante a aula - 2 (18,18%) Interrupção da fala para alunos atrasados entrarem na aula – 1 (9,09%) 	<ul style="list-style-type: none"> Aumento do tom de voz em partes importantes do conteúdo, reforçando a fala – 6 (54,54%) Aumento do tom de voz e diminuição do ritmo de voz para dar ênfase ao que está expondo – 3 (27,27%) Diminuição do ritmo para dar ênfase – 4 (36,36%) 	<ul style="list-style-type: none"> Uso de "tá?", "ok?", "né?" – 3 Longa pausa esperando resposta dos alunos – 1 (9,09%) Longa pausa para a escrever na lousa - 1 (9,09%) Conversando longo período com outro docente na sala – 1 (9,09%)

* Uso efetivo/eficaz – comportamentos que encorajam a fala do outro porque demonstram aceitação e respeito

** Uso ineficaz – comportamentos que, provavelmente, enfraquecem a conversação

(adaptado do modelo não verbal de comunicação de Silva MJP. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 8a ed. Pag. 105. São Paulo: Loyola; 2006).

Observação: a soma das porcentagens dos comportamentos dos docentes pode ser maior do que 100%, em cada um dos aspectos avaliados, pois os docentes apresentaram comportamentos comunicativos diferentes e/ou complementares em momentos variados durante a filmagem.

Cinco minutos iniciais de filmagem – visão da pesquisadora

No quadro 1 apresentado podemos destacar que 81.8% dos docentes apresentaram POSTURA rígida, séria, agitada/ acelerada, olhando para a câmera, ou atenta, mas agitada/ impaciente.

Em relação ao CONTATO DOS OLHOS, 27.3%, ou estavam olhando para a câmera, ou estavam lateralizados e/ou de costas, ou estavam voltados para alguns alunos em um dos lados da sala.

Quanto aos MÓVEIS, 45.5% das salas tinham carteiras muito unidas, que quase não permitiam a passagem entre elas.

No que tange às ROUPAS usadas pelos docentes, 36.4% usavam roupas simples, 27.3% usavam jaleco fechado e outros 36.4% usavam jaleco aberto.

Nas EXPRESSÕES FACIAIS, os docentes se apresentaram sorridentes em alguns momentos (36.4%) e alguns (45.5%) levantavam as sobrancelhas e/ ou arregalavam os olhos enquanto falavam, dando ênfase ao seu discurso. Entretanto, 45.5% dos docentes demonstraram em alguns momentos, expressões faciais, ou de tensão, ou de seriedade, ou de raiva (aproximando as sobrancelhas e com linhas de expressão vertical na testa).

Todos os docentes (100%) apresentaram algum tipo de MANEIRISMO como: entrelaçar os dedos e mexer as mãos sem nenhum significado específico, balançar o corpo, passar as mãos nos cabelos, ajeitar os óculos, coçar sobrancelhas, rosto e boca, prensar os lábios, umedecer os lábios com a língua, movimentar canetas nas mãos por longo período da filmagem.

No que diz respeito ao VOLUME DA VOZ, 90.9% dos docentes apresentaram um volume de voz audível e apenas um docente apresentou um tom de voz audível, porém mais agudo nos minutos iniciais da filmagem.

Já no RITMO DE VOZ, 45.5% dos docentes apresentaram um ritmo acelerado e 9,1% um ritmo lento e hesitante, e/ou em outros momentos, 54.5% dos docentes tinham um ritmo de voz cadenciado, médio e/ou diminuído, para dar ênfase à fala.

Em relação ao NÍVEL DE ENERGIA física, 63.6% dos docentes estavam alerta e/ou em outros momentos 45.5% estavam rígidos, inquietos, irrequietos e impacientes.

Na DISTÂNCIA INTERPESSOAL, 81,8% dos docentes estavam próximos à primeira fileira de carteiras dos alunos, sendo que 18.2% inclusive desceram do tablado se aproximando mais dos alunos da primeira fileira. Entretanto, 54.5% ficaram mais de um dos lados da sala, geralmente próximos ao computador.

O TOQUE entre professor e aluno só ocorreu com um docente, mas não pareceu necessário, dentro dos respectivos contextos para os demais docentes.

No posicionamento da CABEÇA, 100% dos docentes fizeram uso do meneio positivo da cabeça, clarificando o entendimento dos alunos e/ ou incentivando suas colocações e participações. Entretanto, em certo momento, um docente fez uso do meneio negativo, contradizendo sua colocação verbal.

Na POSTURA CORPORAL, 72.7% dos docentes estavam voltados para os alunos a maior parte do tempo. Entretanto, em outros momentos, 90.9% dos docentes ou, mantiveram as mãos nos bolsos ou para trás, por longo período, ou permaneceram voltados para o quadro branco, ou atrás do computador enquanto falavam com os alunos, ou se mantiveram lateralizados por longo período lendo os slides, ou balançaram-se pendularmente.

No PARAVERBAL, 18.2% dos docentes aumentavam o tom de voz em partes importantes do conteúdo e 45.5% aumentavam o tom de voz

e diminuía o ritmo também, para dar ênfase ao conteúdo. Porém, em outros momentos 63.6% dos docentes, ou apresentaram paraverbal hesitante e pensativo ao responder às questões dos alunos, usando a expressão: “eh...”, ou apresentaram o paraverbal vicioso ao final de suas colocações com o uso das expressões: “tá?”, “ok?”, “né?”, inúmeras vezes, ou ainda fizeram longas pausas durante a aula, inclusive interrompendo a fala para a entrada de alunos atrasados na sala.

15 minutos remanescentes de filmagem – visão da pesquisadora

Na análise dos 15 minutos remanescentes de filmagem verificamos que 90.9% dos docentes apresentaram POSTURA relaxada, mas atenta. Apenas um docente, apesar de atento, ainda permaneceu impaciente, irrequieto.

Todos os docentes mantiveram CONTATO DOS OLHOS regular, médio, olhando para os alunos em geral e apenas um docente teve um momento em que permaneceu de costas por longo tempo, enquanto falava com os alunos, deixando de olhá-los, portanto.

Os MÓVEIS não sofreram quaisquer alterações em nenhum momento em quaisquer das filmagens, ou seja, as carteiras dos alunos permaneceram voltadas para o quadro branco, em estilo tradicional, a pequena mesa de apoio do docente em um dos lados da sala, geralmente oposta à porta de entrada e o projetor de slides voltado para o quadro branco.

Também não sofreram alterações as ROUPAS dos docentes, ou seja, roupas simples, sendo que alguns docentes usavam jaleco fechado e outros usavam o jaleco aberto.

Nas EXPRESSÕES FACIAIS, os docentes se apresentaram mais sorridentes em alguns momentos (54.5%), menos sérios e menos tensos; um docente ainda se mostrou mais sério, sorrindo eventualmente; três

docentes (27.3%) ainda se mantiveram sérios e um docente demonstrou expressão de dúvida, enquanto uma aluna relatava um acontecimento pessoal, deixando de esclarecer / clarificar sua dúvida com a aluna.

Todos os docentes (100%) mantiveram algum tipo de MANEIRISMO como os já citados anteriormente: entrelaçar os dedos e mexer as mãos sem nenhum significado específico, passar as mãos nos cabelos, manter as mãos nos bolsos, ajeitar os óculos, coçar queixo, testa, rosto e nariz, prensar os lábios, umedecer os lábios com a língua, movimentar canetas/ *laser point* nas mãos por longo período da filmagem, sem significado, bater na perna, ajeitar a roupa, mexer em anéis e passar as mãos pelas coxas.

No que diz respeito ao VOLUME DA VOZ, a maioria dos docentes permaneceu com um volume de voz audível (81.8%); um docente apresentou um tom de voz audível, apesar de alguns alunos pedirem silêncio aos colegas que estavam conversando e outro docente, que apesar de também manter a voz audível, teve que aumentar um pouco seu volume, tornando-o alto para se sobrepor às vozes/ conversas dos alunos

Já no RITMO DE VOZ, 90.9% dos docentes apresentaram um ritmo cadenciado, médio e 45.5% apresentaram momentos em que houve diminuição do ritmo para dar ênfase ao conteúdo verbal, dada sua importância. Ainda mantiveram ritmo acelerado 36.4% dos docentes.

Em relação ao NÍVEL DE ENERGIA física, 100% dos docentes estavam em alerta.

Na DISTÂNCIA INTERPESSOAL, 81,8% dos docentes estavam próximos à primeira fileira de carteiras dos alunos, sendo que 63.3%, de alguma maneira tentaram se aproximar ainda mais dos alunos, ou descendo do tablado, ou andando pelo mesmo, ou ainda, andando entre algumas fileiras, se aproximando mais dos alunos, sentando-se em uma das carteiras da primeira fileira, ou se aproximando enquanto os alunos faziam questionamentos. Entretanto, 45.5% dos docentes ainda permaneceram

mais de um dos lados da sala, geralmente próximos ao computador. Apenas uma docente ficou centralizada, sem se movimentar pela sala.

O TOQUE entre professor e aluno só ocorreu com um docente; 72.2% não tocaram os alunos e não pareceu necessário o toque nesses casos; com outros dois docentes o contexto pareceu ser propício ao toque, embora não tenha ocorrido.

No posicionamento da CABEÇA, 100% dos docentes fizeram uso do meneio positivo da cabeça, clarificando o entendimento dos alunos e/ ou incentivando suas colocações e participações. Apenas um docente em certo momento posicionou a cabeça com o queixo levantado “com ar desafiador, inquisitório”

Na POSTURA CORPORAL, 100% dos docentes estavam voltados para os alunos a maior parte do tempo. Entretanto, em outros momentos, 72.8% se mantiveram lateralizados por longo período, ou lendo os slides; um docente manteve as mãos nos bolsos por vários momentos; dois docentes se mativeram de costas/ de lado, enquanto explicavam, ou enquanto aluno perguntava; dois docentes, ou se recostaram na mesa enquanto explicavam, ou sentaram-se em uma cadeira de lado, enquanto explicavam e um docente manteve as mãos na cintura enquanto fazia questionamentos aos alunos.

No PARAVERBAL, 54.5% dos docentes aumentavam o tom de voz em partes importantes do conteúdo e 27.3% aumentavam o tom de voz e diminuía o ritmo também para dar ênfase ao conteúdo e 36.4% dos docentes diminuía o ritmo para dar ênfase ao conteúdo. Porém, em outros momentos 27.3% dos docentes apresentaram paraverbal com uso de expressões “tá?”, “ok?”, “né?”; 18.2% dos docentes fizeram longas pausas, ou esperando a resposta dos alunos, ou para escrever na lousa.; um docente ficou longo período conversando com outro docente na sala, esperando os alunos copiarem um exercício do quadro branco.

A seguir apresenta-se o **Quadro 2** que sintetiza as respostas encontradas no instrumento de coleta de dados preenchidos pelos docentes, sendo que:

- Os textos entre aspas foram extraídos *ipsis litteris* do instrumento de coleta de dados;
- Os textos em cor **vermelha** indicam que o docente fez uma decodificação dos seus sinais não verbais, mas que inseriu suas percepções no instrumento de coleta de dados em local inadequado, por exemplo, ou identificou uma postura efetiva, quando na verdade era ineficaz, ou identificou seus sinais não verbais como paraverbais, quando na verdade eram maneirismos.
- Os textos em cor **verde** indicam correções/ acréscimos/ adequações feitas pela pesquisadora.

Quadro 2 – Síntese dos dados encontrados no instrumento de coleta de dados preenchido por cada docente, conforme a decodificação de seus próprios sinais não verbais emitidos em sala de aula – visão dos próprios docentes.

NÃO VERBAL	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**
1. Postura	<p>D1 – “Coerência entre ‘estado de presença’ e o tipo de conteúdo ministrado. Uso do jaleco, uso da Postura Corporal e linguagem”</p> <p>D2 – “Demais momentos” (da aula)</p> <p>D3 – “Boa”</p> <p>D4 – “Estou sempre em pé, sem encostar, tento demonstrar firmeza”</p> <p>D5 – “Comprometida com o conteúdo”</p> <p>D6 – “Considero a maior parte do tempo foi efetiva.”</p> <p>D7 – “Adequada em todos os momentos, como professor, explicando o conteúdo”</p> <p>D8 – “Tento estar próxima, aproximo o máximo que consigo.”</p> <p>D9 – “Mantenho postura que busco maior participação do aluno valorizando suas contribuições para a construção e o desenvolvimento do conteúdo”</p> <p>D10 - -----</p> <p>D11 – “Postura profissional como enfermeira e professora”</p>	<p>D1 -----</p> <p>D2 – “Na transformação de unidades para ml” (ora sentada atrás da mesa, ora apontando o slide durante a explicação)</p> <p>D3 – “Não percebi em nenhum momento como ineficaz”</p> <p>D4 – “Estar em movimento talvez canse o aluno e quando ponho as mãos na cintura” (posturas consideradas inadequadas pela docente: manter-se em constante movimento e colocar as mãos na cintura)</p> <p>D5 - -----</p> <p>D6 - -----</p> <p>D7 - -----</p> <p>D8 - -----</p> <p>D9 - -----</p> <p>D10 – “Mãos no bolso, na tentativa de conter a gesticulação e colocar a mão esquerda na cintura”</p> <p>D11 - -----</p>
2. Contato dos olhos	<p>D1 – “Contato visual com os alunos em geral. Durante algumas abordagens mais específicas como na explanação a perguntas.”</p> <p>D2 – “Explicação seringa de insulina” (contato regular, médio)</p> <p>D3 – “Bom, falo sempre olhando para os alunos”</p> <p>D4 – “Tento a todo momento olhar para sala como um todo”</p> <p>D5- “Na maioria do tempo mantive contato com os olhos”</p> <p>D6 - “Efetivo na maioria das vezes, procuro olhar para o aluno quando ele me questiona”</p> <p>D7 – “Fiquei em contato o tempo todo com os alunos”</p> <p>D8 – “Conforme perguntam, procuro olhar dos alunos, para chamar atenção do tema”</p> <p>D9 – “Durante os questionamentos feitos pelo aluno, há um direcionamento constante do olhar”</p> <p>D10 – “Olhar direto e atencioso na maior parte do tempo”</p> <p>D11 – “Maior parte do tempo olhando para os alunos, inclusive aos alunos que questionam com direcionamento do olhar”</p>	<p>D1 – “Em alguns momentos olhos direcionados para um ponto fixo por mais tempo (pensando)”</p> <p>D2 – “18’ nenhum contato com alunos”</p> <p>D3 – “Não percebi”</p> <p>D4 – “Não vi.”</p> <p>D5 – “Em alguns momentos, perdeu-se o contato com os olhos por mexer no computador sem parar de explicar”</p> <p>D6 – “Porém, durante uma abordagem de uma aluna minha, meu olhar foi mais punitivo + ou – aos 5’ 30””</p> <p>D7 - -----</p> <p>D8 - -----</p> <p>D9 - -----</p> <p>D10 – “Desvio do olhar a partir do momento em que é citado um exemplo desconhecido ‘O bebê de Rosemary’ ”.</p> <p>D11 - -----</p>

Continua ...

RESULTADOS

... continuação

NÃO VERBAL	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**
3. Móveis	<p>D1 ----</p> <p>D2 – “Demais momentos” (da aula)</p> <p>D3 – “É uma sala boa, qto iluminação, disposição de cadeiras. O que me atrapalha é não ter o controle para mudança de slides.”</p> <p>D4 – “Boa distância entre a projeção e os alunos, sem nenhum móvel atrapalhando”</p> <p>D5 – “A disposição não influenciou no andamento da aula”</p> <p>D6 – “Efetivo por termos equipamentos que auxiliam na comunicação”</p> <p>D7 – “A mesa de apoio foi importante”</p> <p>D8 - -----</p> <p>D9 – “Adequados para a proposta da aula expositiva. Uso um quadro branco/ mesa e projetor multimídia.”</p> <p>D10 - -----</p> <p>D11 - -----</p>	<p>D1- “Segue um modelo padrão escolar”</p> <p>D2 – “Na explicação sobre seringas atrás de mesa (no momento citado pela docente a postura corporal, sentada atrás da mesa durante a explicação está ineficaz, não os móveis. Nesse momento a docente poderia, por exemplo, ter se levantado e se aproximado dos alunos para explicar)”</p> <p>D3 – “Atrapalhou a distância para mudar o slide; posição da tela e da mesa”</p> <p>D4 – “Não vi”</p> <p>D5 - -----</p> <p>D6 - -----</p> <p>D7 - -----</p> <p>D8 – “Durante toda a filmagem dificultou passagem por estarem muito próximos e ocuparem todo espaço da sala”</p> <p>D9 – “Tipo de carteira (grande) e disposição dificultam a movimentação em sala e a mobilidade das mesmas (formar círculos, por exemplo)”</p> <p>D10 – “Proximidade maior com a projeção do que com os alunos, por falta de espaço físico entre tablado e carterias”</p> <p>D11 – “Posicionamento do lado direito da sala em maior parte da aula em função do recurso áudio visual estar situado neste lado.”</p>
4. Roupas	<p>D1 – “Uso do jaleco”</p> <p>D2 – “Apesar de não usar avental, Roupas comum, cores alegres e discretas.”</p> <p>D3 – “Não houve momento que me atrapalhou”</p> <p>D4 – “Uso do avental com crachá para identificar”</p> <p>D5- “Uso do avental ajuda não ter preocupação com a roupa”</p> <p>D6 – “Efetivo, uso do avental e crachá não vendo a roupa como um atrativo maior para o aluno”</p> <p>D7 – “Adequada com uso de avental”</p> <p>D8 – “Sem ser chamativa/ decotada ou agarrada”</p> <p>D9 – “Uso do avental, roupas adequadas durante toda a aula.”</p> <p>D10 – “Uso eficiente do avental”</p> <p>D11 – “Uso de roupas adequadas sem transparências, decotes, procurando ter uma aparência agradável.”</p>	<p>D1 - -----</p> <p>D2 - -----</p> <p>D3 – “Não atrapalhou”</p> <p>D4 – “Não vi”</p> <p>D5 - -----</p> <p>D6 - -----</p> <p>D7 - -----</p> <p>D8 - -----</p> <p>D9 - -----</p> <p>D10 - -----</p> <p>D11 - -----</p>

Continua ...

RESULTADOS

... continuação

NÃO VERBAL	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**
5. Expressão facial	<p>D1 – “Uso do sorriso de ‘canto de boca’ indicando certo sarcasmo ou pensamento do tipo ‘peguei vocês’, expressões periorbitais associadas ao sorriso.</p> <p>Levantar de sobrancelhas (indicando interesse e motivação) ao perceber que um aluno esboçou vontade de perguntar.”</p> <p>D2 – “Na maior parte do tempo eu acho que me expresso positivamente”</p> <p>D3 – “Demonstro fechando os lábios quando o aluno responde errado (faço bico)”</p> <p>D4 – “Eficiente na maior parte das vezes”</p> <p>D5 – “Efetiva em todas as vezes consigo olhar para o aluno de forma a tentar escutá-lo e responder sua pergunta, ou repreendê-lo se necessário como aconteceu aos 5’ e 30” ”</p> <p>D6 – “Para reforçar a fala utilizo a expressão facial 17’ 20” ”</p> <p>D7 – “Acompanhou a fala e demanda dos alunos em questões e participações (sorrisos, franzir sobrancelhas), tentando ouvir a contribuição do aluno”</p> <p>D8 – “Associado ao contato dos olhos como forma de estímulo às respostas”</p> <p>D9 – “Movimentação positiva com inclinação da cabeça e expressão de aceitação ‘sorridente’ . ”</p> <p>D10 – “Preocupação em ser atenciosa com os alunos, mantendo simpatia.”</p>	<p>D1 – “Péssima expressão junto a uma ‘séria’ (17’ 40”) Seringa de insulina (11’ 40”, 11’ 55”) (muito séria, sobrancelhas serradas e testa enrugada durante alguns momentos da explicação).</p> <p>D2 – Não atrapalhou em nada</p> <p>D3 – Demonstrar espanto e até expectativa quando espero resposta, criando expectativa nos alunos</p> <p>D4 – “Inadequada na hora dos risos.</p> <p>D5 – “</p> <p>D6 – “</p> <p>D7 – “</p> <p>D8 – “</p> <p>D9 – “</p> <p>D10 – “</p> <p>D11 – “</p>
6. Maneirismos	<p>D1 – “Dependência do quadro branco para explicações pontuais”</p> <p>D2 – “Uso com muita frequência e acho que ajuda na conversação”</p> <p>D3 – “Quando estou falando da troca molecular, gesticulando movimentos”</p> <p>D4 – “Efetivo. Os utilizados são relacionados ao assunto abordado”</p> <p>D5 – “</p> <p>D6 – “</p> <p>D7 – “</p> <p>D8 – “</p> <p>D9 – “</p> <p>D10 – “</p> <p>D11 – “</p>	<p>D1 – “Em alguns momentos percebi que minha postura no quadro não foi eficiente (ficar de costas para os alunos)”</p> <p>D2 – “Explicação seringas de insulina, explicação sobre as seringas sentada na mesa”</p> <p>D3 – “Não atrapalhou”</p> <p>D4 – “Ando muito, principalmente quando viro para ver o slide.”</p> <p>D5 – “Movimentos repetidos no cabelo e abdome”</p> <p>D6 – “</p> <p>D7 – “Alguns momentos risos inadequados. Com 14” bati nas pernas, achei muito inadequado.”</p> <p>D8 – “Mexer na sobrancelha para me concentrar no que o aluno está dizendo”</p> <p>D9 – “No início e em alguns outros momentos, auto movimentação contínua dos ‘canetões’ nas mãos”</p> <p>D10 – “Movimentação constante das mãos.”</p> <p>D11 – “Alguns momentos uso das mãos em excesso que talvez cause dispersão, tocar em jóias (anel) (6’).”</p>

Continua ...

RESULTADOS

... continuação

NÃO VERBAL	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**
7. Volume de voz	D1 – “Regularidade no tom” D2 – “ Após explicação inicial sobre insulina 10’. ” (ineficaz - Sussurra algo para si mesma e sai da sala por alguns instantes, depois volta com um apagador) D3 – “Acredito ter uma boa entonação” D4 – “Volume bom, bem audível” D5 - ----- D6 – “Efetivo. Tem um timbre adequado para a sala com aproximadamente 80 alunos” D7 – “Mantive volume de voz adequado. Uso do volume da voz mais alto para enfatizar a fala 17’.” D8 – “Audível” D9 – “Adequado com tonalidade audível para o tamanho da sala, mantida com tom forte constante.” D10 – “Volume suficiente para compreensão” D11 – “Aumento do tom de voz para chamar atenção do aluno para pontos importantes da aula”	D1 ----- D2 – “ Seringa insulina ” (eficaz - volume audível) D3 – “Não interferiu” D4 – “Nada de mais” D5 – “Em alguns momentos o tom ficou abaixo do ideal” D6 - ----- D7 - ----- D8 - ----- D9 - ----- D10 - ----- D11 - -----
8. Ritmo de voz	D1 – “Algumas pausas Velocidade adequada” D2 – “Explicação seringa insulina” (ritmo médio após os 5 minutos iniciais de filmagem) D3 – “Bom, mantenho o tom” D4 – “Falo mais rápido quando estou lendo e mais lento quando explico” D5 - ----- D6 – “Efetivo. Procuro falar pausadamente, observo os alunos, quando percebo uma carinha de dúvida chamo o aluno e explico novamente” D7 – “Mantive ritmo adequado de voz” D8 – “Modula de acordo com o tema” D9 – “Mantido adequado sem acelerar ou diminuir” D10 – “Adequado” D11 – “Momentos em que houve diminuição do ritmo da voz para chamar atenção do aluno em pontos importantes”	D1 ----- D2 – “ 5 primeiros minutos ” (acelerado nos primeiros 5 minutos de filmagem) D3 – “Não interferiu” D4 – “Quando explico troca gasosa, falo rápido demais.” D5 – “Ritmo de voz e explicação muito contínuo, muito acelerado.” D6 - ----- D7 - ----- D8 - ----- D9 - ----- D10 - ----- D11 - -----
9. Nível de energia (física)	D1 – “Pensando em nível de energia refletindo no físico, achei um nível bom – sem expressões de fadiga, gestos ilustradores” D2 – “Após + ou – 10’ explicação de cálculo 15’” (nesse momento da aula está em pé, junto à lousa, explicando com se resolvem alguns exercícios de cálculo de medicação com insulina) D3 – “Bom, não houve momentos de queda de energia” D4 – “Mantenho na maioria das vezes constante. Ativa.” D5 – “Postura atenta, prestando atenção às dificuldades dos alunos” D6 – “Efetivo. Sou disposta, no que me dedico a fazer.” D7 – “Nível de energia adequado” D8 – “Alerta, congruente com o tema e a sala (alunos)” D9 – “Ativo e dinâmico durante todo o período.” D10 – “Adequado” D11 – “Postura alerta, atenta, estimulando o feedback dos alunos”	D1 ----- D2 – “ Primeiros 10 minutos ” (em alguns momentos iniciais da aula, permanece sentada à mesa, ora explicando a matéria, ora mexendo em seu computador) D3 – “Não percebi” D4 – “Não vi” D5 - ----- D6 - ----- D7 - ----- D8 - ----- D9 - ----- D10 - ----- D11 - -----

Continua ...

RESULTADOS

... continuação

NÃO VERBAL	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**
10. Distância interpessoal	<p>D1 – “Aproximação do alunos que profere pergunta. Aproximação de um aluno por estar menos atento (final da filmagem).”</p> <p>D2 – -----</p> <p>D3 – “Em alguns momentos me volto para o outro lado da sala. O lado que me solicita mais, me aproximo mais”</p> <p>D4 – “Boa distância, facilitando a observação dos alunos”</p> <p>D5 – -----</p> <p>D6 – “Efetivo. Me aproximo sempre dos alunos para responder aos questionamentos”</p> <p>D7 – “Vários momentos me aproximei dos alunos para ilustrar a fala.”</p> <p>D8 – “Quando consigo me aproximar sem obstrução de móveis”</p> <p>D9 – “Uma proximidade maior com os alunos que estão sentados na frente, uma vez que me mantenho fora do tablado o que me permite estar próxima”</p> <p>D10 – “Adequada”</p> <p>D11 – “Em relação aos alunos da frente a distância é efetiva”</p>	<p>D1 – -----</p> <p>D2 – “Distante dos alunos 11’ 10”, 16’ 05” e 17’ ” (alguns momentos em que está sentada)</p> <p>D3 – “A distância está relacionada com a maior participação dos alunos”</p> <p>D4 – “Não houve mudança”</p> <p>D5 – “Mantive uma distância relativa, poderia me aproximar mais”</p> <p>D6 – -----</p> <p>D7 – “Em alguns momentos me aproximei mais de um lado da sala”</p> <p>D8 – “Não consigo me aproximar dos alunos do fundo da sala devido disposição de móveis. Obs: mantive-me mais na frente da sala com receio de atrapalhar a gravação”</p> <p>D9 – “Em relação aos alunos que estão do meio para o fundo da sala, pela dificuldade de locomoção até eles (carteiras grandes, pouco espaço)”</p> <p>D10 – -----</p> <p>D11 – “Porém, distante dos alunos que sentam mais para o fundo em função do posicionamento das carteiras”</p>
11. Toque	<p>D1 – “Ausente, não pareceu necessário dentro do contexto da filmagem”</p> <p>D2 – “ 11’ 10’ ” (nesse momento ela toca o nariz, mexe no próprio nariz. Não há qualquer toque em nenhum aluno)</p> <p>D3 – “Não coube na situação”</p> <p>D4 – “Obs. Não uso, pois considero invasão física, sinto como inibidor da participação”</p> <p>D5 – “Não aconteceu, mas não senti necessidade”</p> <p>D6 – “Efetivo. Em torno dos 3’ 1” toquei na aluna para simular uma situação de aula”</p> <p>D7 – “Não utilizei, porque não achei necessário”</p> <p>D8 – -----</p> <p>D9 – -----</p> <p>D10 – -----</p> <p>D11 – “Não houve toque”</p>	<p>D1 – -----</p> <p>D2 – -----</p> <p>D3 – “Não coube na situação”</p> <p>D4 – -----</p> <p>D5 – -----</p> <p>D6 – -----</p> <p>D7 – -----</p> <p>D8 – “Costumo tocar, mas no momento filmado não teve toque”</p> <p>D9 – “Sala muito ampla, porém com carteiras grandes e dispostas de maneira próxima e que dificultam a movimentação pela sala e consequentemente o toque”</p> <p>D10 – “Não houve toque”</p> <p>D11 – -----</p>
12. Cabeça	<p>D1 – “Meneios positivos e de ritmo de fala à expressão dos alunos”</p> <p>D2 – “Tempo todo” (uso do meneio positivo em alguns momentos da aula)</p> <p>D3 – “Faço movimentos com a cabeça confirmando, ou não o que foi solicitado”</p> <p>D4 – “De um modo geral tento manter nível neutro”</p> <p>D5 – “Meneio positivo, que leva incentivo na participação do aluno”</p> <p>D6 – “Efetiva durante os 20’ (de filmagem) manteve cabeça de forma positiva, com interação com o grupo”</p> <p>D7 – “Meneio positivo da cabeça”</p> <p>D8 – “Acompanha o tema e o comportamento da sala, tento encorajar”</p> <p>D9 – “Apresento contínua movimentação da cabeça com meneio positivo frente às colocações dos alunos”</p> <p>D10 – “Adequada movimentação”</p> <p>D11 – “Balançar a cabeça positivamente”</p>	<p>D1 – -----</p> <p>D2 – -----</p> <p>D3 – “Não percebi”</p> <p>D4 – “Quando eu entorto a cabeça quando respondem errado.”</p> <p>D5 – -----</p> <p>D6 – -----</p> <p>D7 – -----</p> <p>D8 – -----</p> <p>D9 – -----</p> <p>D10 – -----</p> <p>D11 – -----</p>

Continua ...

RESULTADOS

... continuação

NÃO VERBAL	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**
13. Postura corporal	<p>D1 – “primeiros dois minutos uso de mão esquerda no bolso – segurança do professor e tentativa de tornar o conteúdo menos formal”</p> <p>D2 - -----</p> <p>D3 – “Sempre voltado para os alunos”</p> <p>D4 – “Tento, no geral, me manter em movimento para vê-los como um todo”</p> <p>D5- -----</p> <p>D6 – “Acima dos 18’ mantive-me de costas, pois estava à lousa. Respondi poucas coisas, pois a aluna abordava conteúdos que não eram da aula, assim não queria mudar o foco”</p> <p>D7 – “Postura corporal adequada, movimento o tempo todo com gestos ilustrativos”</p> <p>D8 – “Ereta, caminhando pela sala”</p> <p>D9 – “Mantida ereta e adequada durante toda a aula, mesmo nas movimentações (andar) de um lado para outro da sala, com uso de gestos que complementam a fala”</p> <p>D10 – “Fala lateralizada somente durante a leitura”</p> <p>D11 – “Postura em pé, próxima aos alunos, circulando na sala, de frente para os alunos.”</p>	<p>D1 – “Alguns momentos, geralmente em decorrência a algumas perguntas dos alunos, mãos unidas- sentido defensivo.”</p> <p>D2 – “Ao explicar na lousa (10’50”, 16’ 15”, 16’ 45”), muito distante dos alunos.”</p> <p>D3 – “Em parte do tempo mais voltada para um dos lados da sala”</p> <p>D4 – “Colocar a mão para trás quando estou ouvindo responder as perguntas.”</p> <p>D5- “Mão no bolso”</p> <p>D6 - -----</p> <p>D7 - -----</p> <p>D8 - -----</p> <p>D9 - -----</p> <p>D10 - -----</p> <p>D11- -----</p>
14. Paraverbal	<p>D1 – “Uso do termo “ok” no final de afirmações (algumas) no sentido de buscar validações (clarificações) e dúvidas”</p> <p>D2 – “Demais momentos da aula.”</p> <p>D3 – “Em alguns momentos acredito que é oportuno para fixação e confirmação do entendimento”</p> <p>D4 – “Quando pergunto se entenderam, ou se estão acompanhando o raciocínio”</p> <p>D5 – “No momento da ênfase dada à temperatura do paciente com câncer em comparação à doença comum.” (aumento do tom de voz e da cadência, dando ênfase à importância da mínima elevação de temperatura do paciente com câncer em tratamento quimioterápico)</p> <p>D6 – “Efetiva. Não tenho vício de linguagem”</p> <p>D7 - -----</p> <p>D8 – “Aumentar o volume e falar pausadamente nos focos do tema (+ ou - 12’)”</p> <p>D9 – “Momentos de aumento do tom de voz, com reforço às respostas adequadas do aluno.”</p> <p>D10 – “Adequado”</p> <p>D11 - -----</p>	<p>D1 - -----</p> <p>D2 – “Transformação de unidades para ml” (nesse momento da aula, modula a voz aumentando seu volume e diminuindo seu ritmo, dando ênfase em partes importantes)</p> <p>D3 – “Repito várias vezes o “né””</p> <p>D4 – “Não vi”</p> <p>D5 – “Uso do “tá” várias vezes.”</p> <p>D6 - -----</p> <p>D7 – “Utilizei a expressão “é” por alguns segundos enquanto pensava”</p> <p>D8 - -----</p> <p>D9 - -----</p> <p>D10 - -----</p> <p>D11 – “Uso de “tá”, “né” em poucos momentos, porém ainda presentes.”</p>

Visão dos docentes

A maioria dos docentes (90.1 %) identificou sua POSTURA como de uso efetivo, descrevendo-a como: coerente, boa, efetiva e adequada na maior parte do tempo. Alguns docentes ainda acrescentaram terem percebido um uso eficaz da sua POSTURA: demonstrando seu comprometimento com o conteúdo, proximidade com os alunos, valorização do aluno e de suas contribuições e postura profissional de enfermeira e professora. Ainda na POSTURA, 27.3% dos docentes apontaram como ineficazes suas posturas em momentos como: manter-se sentado atrás da mesa, durante a explicação da matéria; estar em movimento; colocar as mãos na cintura, ou no bolso e 63.6% dos docentes deixaram a lacuna de uso ineficaz da POSTURA em branco, como podemos observar no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Representação gráfica do percentual de reconhecimento da postura (profissional), segundo os docentes de graduação em Enfermagem. São Paulo, 2012.

No CONTATO COM OS OLHOS 100 % dos docentes identificaram como efetivo seu contato visual, olhando em geral para os alunos, com um contato regular, médio. Alguns acrescentaram que

tentavam, por vários momentos, olhar para a sala como um todo, ou para o aluno quando ele fazia questionamentos.

No uso ineficaz do CONTATO COM OS OLHOS 18.2% referiram não ter percebido, ou não ter visto uso ineficaz; 36.4% deixaram a lacuna em branco e os demais (45.5%) registraram: ou, que houve momentos em que os olhos estavam direcionados para um ponto fixo por mais tempo, enquanto estava pensando, ou que em certo momento não manteve contato visual, ou que o contato visual se perdeu num dado momento em que o docente estava mexendo no computador, sem parar para fazer a explicação. Um docente registrou que teve um olhar mais punitivo, enquanto outro registrou desvio de seu olhar, a partir do momento em que foi citado, por um aluno, um exemplo desconhecido por ele.

Nos MÓVEIS, 63.6% dos docentes consideraram os móveis efetivos, com boa disposição de cadeiras, boa distância entre a projeção e os alunos, sem nenhum móvel atrapalhando, com mesa de apoio e adequados a proposta da aula e 36.4% dos docentes deixaram a lacuna de uso efetivo dos móveis em branco. Já em relação ao uso ineficaz dos MÓVEIS 63.6% dos docentes citaram momentos em que os móveis atrapalharam de algum modo, ou por sua posição, sendo distantes, dificultando a passagem de slides, ou por sua proximidade, dificultando sua passagem entre as carteiras. Também apontaram que o tipo de carteira (grande) e sua disposição (muito unidas), dificultaram a movimentação em sala fazendo com que houvesse uma proximidade maior com a projeção do que com os alunos, por falta de espaço físico entre tablado e carteira e a falta de mobilidade das mesmas (formar círculos, por exemplo).

Com relação às ROUPAS, 63.6% citaram como efetivo o uso do avental, ou jaleco com crachá e/ou 36.4% acrescentaram que as roupas estavam adequadas, comuns, de cores alegres e discretas, sem ser chamativas, decotadas ou agarradas; roupas adequadas sem transparências e procurando ter uma aparência agradável. Já no uso ineficaz da ROUPA,

um docente registrou que não viu e outro que a roupa não atrapalhou, os demais (81.8%) deixaram a lacuna em branco.

Na utilização eficaz da EXPRESSÃO FACIAL um docente deixou a lacuna em branco; 45.5% registraram que na maior parte do tempo ou das vezes sua EXPRESSÃO FACIAL era eficiente, que se expressavam positivamente; que sua expressão facial reforçava/acompanhava sua fala. Um docente registrou que usa um sorriso de 'canto de boca', indicando sarcasmo, associado a expressões periorbitais de sorriso, além de levantar as sobrancelhas (indicando interesse e motivação) ao perceber que um aluno esboçou vontade de perguntar. Outro docente identificou que demonstra, fechando os lábios, quando o aluno responde errado (faz bico). Um docente registrou que associado ao contato dos olhos é uma forma de estímulo às respostas dos alunos; outro docente identificou uma movimentação positiva com inclinação da cabeça e expressão de aceitação 'sorridente' e outro docente registrou preocupação em ser atenciosa com os alunos, mantendo simpatia.

Nos uso eficaz dos MANEIRISMOS 54.5% dos docentes deixaram a lacuna em branco. Um docente identificou sua dependência do quadro branco para explicações pontuais; outro docente registrou usar com muita frequência, achando que ajuda na conversação; outro ainda identificou usá-los de maneira eficaz quando falava certo assunto, gesticulando movimentos e ainda mais um registrou seu maneirismo efetivo justificando que os utilizados estavam relacionados ao assunto abordado.

No uso ineficaz dos MANEIRISMOS um docente cita sua postura de costas como não tendo sido eficiente, outro docente cita sua posição sentada na mesa durante uma explicação como sendo ineficiente; um docente registra que não atrapalhou; um docente referiu que anda muito, principalmente quando vira para ver o slide; um docente registrou movimentos repetidos no cabelo e abdome; outro registrou risos inadequados. Outro ainda registrou mexer na sobrancelha para se concentrar no que o aluno estava dizendo; mais um docente registrou que

no início da filmagem e em alguns outros momentos, percebeu uma “movimentação contínua dos ‘canetões’ nas mãos”; outros dois docentes perceberam movimentação constante/ em excesso das mãos em alguns momentos que talvez causasse dispersão nos alunos.

No uso eficaz do VOLUME DE VOZ um docente deixou a lacuna em branco; 81.8% registraram ter observado uma boa entonação, bom volume, um volume efetivo, com timbre adequado, audível, sendo que um docente percebeu que aumentava o tom de voz para chamar atenção do aluno para pontos importantes da aula.

Já no uso ineficaz do VOLUME DE VOZ 63.6% deixaram a lacuna do instrumento em branco; um registrou que não interferiu, outro docente registrou que não fora nada de mais e um docente percebeu que em alguns momentos o tom ficou abaixo do ideal.

Em relação ao uso eficaz do RITMO DA VOZ, um docente deixou a lacuna do instrumento em branco, 72.7% dos docentes acharam seu ritmo de voz efetivo, bom, com velocidade adequada, tendo mantido o ritmo adequado de voz, sem acelerar ou diminuir; um docente percebeu que falava mais rápido quando estava lendo os *slides* e mais lento quando explicava e um docente registrou que em alguns momentos houve diminuição do ritmo da voz para chamar atenção do aluno em pontos importantes.

No uso ineficaz do RITMO DA VOZ, 63.6% dos docentes deixaram a lacuna em branco, um docente registrou diferença do ritmo nos 5 minutos iniciais de filmagem; um docente não identificou interferência, outros dois docentes perceberam momentos em que seu ritmo de voz era acelerado, rápido.

No uso eficaz do NÍVEL DE ENERGIA (FÍSICA), todos os docentes identificaram que seu nível de energia era bom, ativo, atento, efetivo, adequado e alerta. Já no uso ineficaz do NÍVEL DE ENERGIA, 72.7% dos docentes deixaram a lacuna do instrumento em branco; dois

registraram que não perceberam e um percebeu um momento em que permaneceu sentado à mesa, ora explicando a matéria, ora mexendo no computador.

No uso efetivo da DISTÂNCIA INTERPESSOAL, 2 docentes deixaram a lacuna em branco; outros 4 docentes (36.4%) registraram que se aproximam mais dos alunos quando proferem pergunta, ou para responder aos questionamentos, ilustrar a fala, ou quando os alunos estão menos atentos, ou permanecem de um lado da sala que é mais solicitante, mais participativo; outros dois docentes registraram uma impressão de boa, efetiva distância mantida com os alunos; outros dois docentes consideraram sua distância efetiva com os alunos da primeira fileira, da fileira da frente e um docente considerou efetiva sua distância quando consegue se aproximar dos alunos, sem obstrução de móveis.

No uso ineficaz da DISTÂNCIA INTERPESSOAL, 3 docentes (27.3%) não preencheram a lacuna; um docente justificou que está relacionada à maior participação dos alunos; um docente registrou não ter percebido mudança e os outros 5 docentes (45.5%), registraram que, ou poderia ter se aproximado mais, ou estava mais de um lado da sala, ou que não conseguira se aproximar dos alunos do meio para o fundo da sala.

Em relação ao uso efetivo do TOQUE, 3 docentes (27.3%) deixaram a lacuna do instrumento em branco; um docente identificou o toque efetivo e os demais docentes (54.5%) identificaram como ausente, não cabendo na situação e uma docente registrou que não usa por considerar invasivo fisicamente e inibidor da participação dos alunos.

No uso ineficaz do TOQUE, 7 docentes (63.6%) não preencheram a lacuna do instrumento de coleta de dados; um docente registrou que não cabia na situação; um docente registrou que costuma tocar, mas que no momento filmado não houve toque; outro docente registrou que não houve toque e outro ainda justificou que a sala muito ampla, com carteiras muito grandes e próximas, dificultam a passagem e consequentemente o toque.

Em relação ao uso efetivo da CABEÇA, cinco docentes (45.5%) registraram o uso do meneio positivo, incentivando a participação do aluno; dois docentes (18.2%) identificaram o posicionamento da cabeça como efetivo/ adequado; outros dois docentes (18.2%) referiram que a cabeça confirma ou não o que é solicitado, acompanhando o tema e encorajando o aluno; um docente registrou movimentação constante da cabeça e um outro docente identificou sua cabeça num nível neutro.

Já no uso ineficaz da CABEÇA, nove docentes (81,8%) deixaram a lacuna em branco; um docente registrou que não percebera e um docente registrou que entortava a cabeça quando os alunos respondiam errado.

No uso efetivo da POSTURA CORPORAL, quatro docentes (36.4%) registraram que se mantinham em movimento, caminhando para ver os alunos; três docentes (27.3%) descreveram sua postura ereta, em pé; dois docentes consideraram sua postura corporal adequada; dois docentes identificaram gestos ilustradores ou que complementam a fala; dois docentes deixaram a lacuna em branco; um docente identificou sua mão esquerda no bolso, em certo momento, como demonstração de segurança e tentativa de tornar o conteúdo menos formal; outro docente registrou que ficava voltado para os alunos; um docente identificou que ficava lateralizada somente nas leituras de *slides*; mais um docente registrou que ficava próxima aos alunos das carteiras da frente e um docente registrou que em certo momento da aula ficara de costas, à lousa, respondendo poucas coisas para desestimular uma aluna que abordava conteúdos que não eram da aula.

No uso ineficaz da POSTURA, seis docentes (54.5%) deixaram a lacuna em branco; um docente identificou suas mãos unidas, como na “defensiva”; um docente observou que estava distante dos alunos; outro docente percebeu que ficava mais tempo em um dos lados da sala e dois docentes registraram que mantiveram suas mãos, ou no bolso, ou para trás.

No uso eficaz do PARAVERBAL, três docentes o identificaram como efetivo/ adequado; três docentes (27.3%) registraram que

questionavam aos alunos: “entenderam?”, ou “ok?” para fixar e confirmar entendimento; dois docentes identificaram aumento do tom/ volume da voz e da cadência, falando pausadamente em pontos importantes da matéria; um docente identificou aumento do tom de voz em alguns momentos; outro docente registrou que em alguns momentos é oportuno para a fixação e confirmação do conteúdo e dois docentes deixaram a lacuna em branco.

Já no uso ineficaz do PARAVERBAL, cinco docentes (45.5%) deixaram a lacuna em branco; três docentes identificaram a repetição dos termos “né?”e/ ou “tá?”; um docente identificou aumento do volume e diminuição do ritmo da sua voz; um docente identificou que usava por muito tempo a vogal “é...”, enquanto pensava e um docente registrou que não vira uso ineficaz de seu paraverbal.

5.4 CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Na análise das entrevistas dos docentes foram observadas as respostas da questão 01: **‘Como você se viu na filmagem?’** e da questão 02: **‘O que você observou na sua comunicação não verbal?’** conjuntamente, uma vez que formaram as categorias descritas e apresentadas nas figuras a seguir (Figura 1 e Figura 2).

Figura 1 – Figura representativa das categorias 1, 2 e 3 referentes às perguntas 1 e 2 das entrevistas com os docentes. São Paulo, 2012.

Figura 2 - Figura representativa da categoria 1 das entrevistas com os docentes nomeada “surpresa sobre si mesmo”. São Paulo, 2012.

Categoria 1 : SURPRESA SOBRE SI MESMO

Nesta categoria os docentes se surpreendem ao se verem filmados, sendo que alguns têm uma surpresa que retrata uma visão positiva de si mesmo (**Visão surpreendente e positiva de si mesmo**), enquanto outros têm uma visão negativa de si mesmo (**Visão surpreendente e negativa de si mesmo**).

Seguem alguns exemplos de falas dos docentes que ilustram as subcategorias.

Subcategoria 1A: Visão surpreendente e positiva de si mesmo

- **E1** - “Na filmagem eu me vi, com uma postura bastante técnica, é... especialmente configurado pelo uso do jaleco e..., com mais naturalidade do que eu pensava. Achei que seria mais estranho me ver na filmagem.”
- **E7** - “Ai, olha, eu, eu me vi,... gostei do que eu vi. Gostei do que eu vi, porque é uma aula difícil que eu estava dando, né? Com uns nomes muito dif..., muito difíceis, e... e... eu acho que eu consegui transmitir, passar pro aluno, né? Acho que dei bastante exemplos, acho que foi muito legal. Gostei! Achei que eu ia ser MUITO pior.”
- **E9** - “[...] É..., neste dia em especial era uma dia que eu estava pós um conflito familiar, eu estava com uma questão realmente pessoal importante, né? E..., e..., até quando eu estava dando a aula eu..., quando eu acabei a aula eu disse: ‘eu acho que a minha aula não foi muito boa, hoje’. Mas vendo a aula, eu tive a possibilidade de ver que..., quando eu comecei, parece que realmente passou tudo e eu consegui dar o meu recado. [...] Então, assim, de um modo geral eu gostei de ver. Acho que foi uma experiência bastante válida, até pra gente poder conseguir se reavaliar, né?”

Subcategoria 1B: Visão surpreendente e negativa de si mesmo

- **E2** - “[...] Nossa, eu me achei muito séria [...] eu pensei que eu fosse mais alegre, dando aula [...] minha expressão facial, muito séria, muito incisiva, durona. [...] Tonalidade de voz, nem tanto. Eu pensei que ainda fosse um pouco mais alta, né? [...] Mas a minha postura, postura de velha... (risos). [...] Me achei uma velha, gorda. Sei que estou gorda, mas me achei uma velha, gorda... Aquelas professoras velhas cocoroca, né? [...]”
- **E5** - “É, eu me surpreendi na verdade com o ritmo da minha aula. Eu achei que eu estava assim..., muito afoita com o conteúdo, era um conteúdo muito teórico. E..., eu acho que eu falei, realmente, num ritmo muito rápido, né? E..., e desenfreado mesmo. Eu acho que eu poderia ter pausado mais e exemplificado mais. Eu acho que essa foi a grande..., o grande ponto negativo. [...]”

Categoria 2 - RECONHECENDO-SE POSITIVAMENTE

Nessa categoria o docente refere sobre si mesmo como tendo tido um bom desempenho ao ministrar sua aula, conforme esperado, ou imaginado e que não lhe fora surpreendente. A seguir alguns exemplos bastante significativos dessa categoria:

- **E3** - “[...]Ah, no geral acho que eu fui bem. [...]Mas eu acho que eu fui bem, foi tranquilo, não foi nada de... de constrangedor, não. Foi tranquilo. Acho que nada especial.”
- **E4** - “Bem..., eu... eu estava à vontade, não me inibi, não. Eu até tinha hora que eu esquecia que você estava ali filmando. Aí, eu lembrava que você, estava lá... então em momento nenhum realmente isso interferiu. E... de um modo geral, assim..., era o que eu esperava, [...]eu me vi como eu esperava. Não foi assim surpresa,... tá?”

- **E6** - “Eu me vi de forma adequada. Eu consegui perceber que eu tenho um olhar firme, consigo ter uma comunicação que eu considere efetiva com os alunos. Mas ao mesmo tempo, se eu tiver um olhar punitivo, eu sou bem incisiva. Então, eu consegui perceber que..., que é satisfatório. Embora eu ache que eu tenha que tomar cuidado com essa questão de, de repente, ser incisiva em alguns questionamentos que talvez o outro não considere tão importante.”
- **E8** - “[...] eu me cobro muito sobre como, ou seja eu gostaria de ter uma aula daquela forma. Como eu gostaria de receber informações sobre aquele assunto. Esse é um cuidado que eu costumo ter. Mas, me vendo é mais interessante, né? E eu achei que..., eu..., eu gostaria de ter um professor que..., que trabalhasse determinado tema dessa forma, né? E que..., e que se comunicasse comigo dessa forma.”
- **E10** - “Bem, a imagem é eficiente, é positiva e tinha que diminuir um pouco a gesticulação manual na minha opinião. Acho que é isso.”
- **E11** - “de alguma maneira geral gostei de me ver. Achei que assim, consigo manter a atenção dos alunos. Eu acho que o importante é a questão do feedback. De estar próxima deles e de se preocupar com que eles entendam aquilo que eu falo o tempo inteiro. Foi dessa forma que eu vi.”

Outros exemplos que também podem ser reconhecidos como da categoria **Reconhecendo-se positivamente** são:

- **E1** - “A minha comunicação não verbal eu observei que tem alguns movimentos que potencializam a regulação do conteúdo, com destaque para movimentos das mãos, direcionamento do olhar. Então, essa associação eu achei que potencializa em alguns aspectos, da atenção do aluno na

tentativa de que ele compreenda melhor o que está sendo ministrado, né? [...]"

- **E3** – “Que eu acho que é MUITO presente, eu acho que eu falo MUITO com o não verbal, acho que em tudo. Na minha cara tá... tá dizendo que estou... assim..., não preciso falar. Só minha feição, meus gestos, já estão falando, entendeu? Inclusive, quando eu não to bem, que eu entro em sala de aula, é geral: ‘Professora, o que que você tem hoje?’. Porque é muito transparente, eu não consigo ser mentirosa, eu sou muito autêntica nesse ponto. Eu sou muito transparente. É isso.”
- **E5** - “É, em alguns momentos eu acho que ela foi efetiva, como é... , nas respostas que os alunos deram. É, eu acho que o positivo, né? A..., o meneio positivo da cabeça aconteceu nelas, e... o meu não verbal incentivava que eles tivessem falando. Eu acho que eu não... Em nenhum momento eu deixei eles inibidos, mesmo sabendo que eles não estavam falando o que eu esperava, né? então eu acho que o não verbal foi bom, né?”
- **E6** - “[...]Ah, eu consegui observar que assim, eu me movimento adequadamente, de forma positiva, eu tento interagir com os alunos, tocá-los, é..., olhar para eles quando eu to respondendo a um questionamento. Eu consegui ver na filmagem que eu me movimento no sentido do aluno, então, eu vou ao encontro dele pra tentar me aproximar, pra tentar fazer ele receber a mensagem de forma adequada E eu sempre me preocupo em olhar pra carinha dele pra tentar perceber se ele tá me compreendendo. Se ele não estiver, eu tento resgatar novamente. [...]"
- **E9** - “[...]E aí eu percebo, também, que até o tom da minha voz em alguns momentos ele é reforçado pra poder reforçar, às

vezes, algum comentário do aluno. Então eu percebi isso em diversos momentos durante a minha aula.”

Categoria 3 - RECONHECENDO-SE NEGATIVAMENTE

Nessa categoria o docente refere sobre si mesmo como tendo tido um desempenho que trouxe algum aspecto negativo ao ministrar sua aula, diferente do desempenho esperado, ou imaginado por ele e que não lhe fora surpreendente. A seguir alguns exemplos bastante significativos dessa categoria:

- **E2** - “Basicamente isso que eu coloquei em termos de postura, né? A minha postura muito dura... Eu ando duro. Isso todo mundo fala. Eu tenho um andar duro. Meu corpo, ele não é solto. Eu não sou mole. Eu sou... O duro, não é o duro de expressão, de físico mesmo, né? Reta, dura, não sou solta, não sou uma pessoa que relaxo mesmo, né? Aquela pessoa mais relaxada, mais solta. Talvez eu seja quando eu brinco com os alunos. Ou eles achem e eu não acho, eu não sei. Acho que um dia eu tinha que filmar a sala para os alunos saberem o dia que eu to alegre. Se eles acharem que tá alegre, assim pra eu ver... se eu mudo essa postura, porque eu me achei muito dura. E é como eu sou. As pessoas que me conhecem, familiares falam: ‘você anda, seu andar é duro’. E achei eu dura dando aula. [...]”
- **E4** - “Eu acho que eu tenho muita expressão, acho que eu sou muito aberta com os alunos e talvez isso assuste um pouco, tá? Então, tem horas que eu deveria,..., eu... , eu sinto isso. [...] A gente percebe que a gente, que eu sou assim.... muito transparente. Isso, muitas vezes, inibe o aluno. Então, eu acho que talvez eles participassem mais se eu não transmitisse tanto, assim, espanto por eles não saberem. Ou ..., ou..., expectativa, porque como eu dei o primeiro semestre, praticamente uma compl...., eu fico... eu fico numa expectativa

muito grande. Então, a aula pra mim é como se fosse o retorno do aprendizado deles do semestre passado. Então, eu crio e a minha expressão é clara disso. E eu acho que isso acaba até atrapalhando a participação. Então eu acho que eles também acabam se cobrando. Porque eles ficam.... Eles me vêem na expectat... : 'poxa, eu não posso ir contra a expectativa dela'. Então eu acho que isso acaba até atrapalhando um pouco, eu acho que..., sabe... reter um pouquinho mais essa transparência, pra tentar não passar tanto essa expectativa. Pra ver se eles também se soltam. Porque eu acho que eu acabo inibindo por essa expressão que eu faço. Porque eles esperam..., eu acho assim... Eles querem demonstrar que eles aprenderam, mas eu acho que isso acaba inibindo. Então eu acho que eu sou muito transparente com as pessoas (risos).”

- **E7** - “[...]Só que eu não gostei na hora que eu explicava e ria de alguns moment..., em alguns momentos, né? Assim, pra quem tá fora parece que eu estou rindo do paciente psiquiátrico, não é isso! ... Né? Então, essa parte eu não gostei, na hora que..., que eu estava rindo, não gostei. Achei que eu tive risos inadequados na aul... durante a aula”
- **E8** - “[...]O que eu..., até coloquei na avaliação, uma coisa que eu senti mais falta foi a aproximação mesmo deles, mas... existem algumas..., alguns..., algumas variáveis aí, que também não ajudam, né? Por exemplo, a própria disposição da sala e como é o espaço que a gente tem na sala, dos móveis. Mas, é..., eu costumo trabalhar muito próximo. É muito importante para... Eu não consigo ter uma relação que não seja afetiva com as pessoas. Então, eu..., É muito difícil pra mim não ficar próxima e não, é..., e não me aproximar até fisicamente dos alunos. É.., eu..., Isso.., isso sempre acontece. De uma forma ou de outra, sempre acontece. [...]”

Com relação a **Pergunta 03: “Como você acha que deve ser a comunicação não verbal de um docente em sala de aula?”** surgiram três categorias representadas na Figura 3 a seguir:

Figura 3 – Figura representativa das categorias referentes à questão 3 das entrevistas aos docentes de Enfermagem. São Paulo, 2012.

Na categoria **Dando feedback ao aluno** os docentes se referem a comportamentos de incentivo, envolvimento e motivação para o aluno, como nos exemplos de discursos a seguir:

- **E5** – “É..., não, eu acho que a comunicação não verbal é o que, na verdade, o que traz os alunos mesmo, aproxima os alunos, né? Acho que ela tem que atentar pra não chamar atenção realmente pro professor, e sim para o conteúdo da aula. Então, que os maneirismos sejam usados a favor do conteúdo e não pra distração e tirar a atenção dos alunos para o..., para o que tá sendo administrado. É..., fora isso, realmente, incentivar a participação dos alunos através do não verbal, tentar trazê-los para próximo do professor.” (Nesse exemplo, o docente utilizou o termo “maneirismo” no sentido de gestual, gestos)

- **E6** – “Eu acho que tem que ser é..., Eu tenho que saber quem é o meu receptor e como passar essa mensagem. Então, hoje, nós temos alunos muito diferentes uns dos outros. Nós temos o aluno trabalhador, o aluno cansado..., então eu tenho que tentar envolver, motivar o aluno nesse conteúdo que eu estou aplicando. Acho que uma estratégia boa é, por exemplo, o aluno se sentir importante no processo. Então eu procuro envolvê-los, conhecê-los, chamá-los pelo nome, tocá-los mesmo, brincar, fazer uma aula agradável. [...]”
- **E8** - “[...] E eu acho que o movimento é muito importante. E uma coisa muito importante, dentro da comunicação não verbal, são os movimentos que mostram para o aluno que vocês está em sintonia com ele. Que você está atento às dificuldades dele. Que o professor não está lá pra, simplesmente, discorrer sobre determinado tema e cumprir com o seu conteúdo. Mas principalmente para atender uma necessidade do aluno. Não é fácil, eu estou falando uma coisa que eu sei que algumas pessoas poderiam estar criticando. Eu sinto que isso não é uma coisa fácil, mas não é impossível de se fazer, não é impossível de se fazer. O professor tem condições de conseguir, pelo menos atender parte das necessidades que os alunos trazem para dentro da sala de aula.”
- **E11** – “Bom, eu acho que a gente tem que gesticular, que é para estimular isto do aluno, a questão da participação dele em aula. Isso pra mim é muito importante, a participação, o retorno que ele me dá em relação ao que ele tá, tá tendo de dúvida. É uma matéria pesada de administração. É uma matéria que tem um arcabouço teórico bastante complicado e que, às vezes, é uma linguagem que o aluno não está acostumado porque ele distancia do processo de cuidar, ele acha que o administrar é a questão burocrática e, na realidade não é. Na realidade é o

gerenciamento da assistência. Então, eu acho que, por eu acreditar nisso, eu acho que através do gesto, da movimentação, pela proximidade do aluno, da atenção você começa, você estimula o aluno a gostar da disciplina, trazendo até exemplos vivenciais, exemplos reais. E eu acho que o não verbal também contribui para fortalecer essas questões.”

Na categoria **Complementando o verbal** os docentes se referem a comportamentos que complementam a fala, ou seja, o verbal, como podemos observar nos discursos a seguir:

- **E3** - “É uma forma de comunicação, que eu acho que faz parte da vida de todos nós, porque a gente não se comunica só com a fala. Eu acho que ela complementa e é um tipo de comunicação. Que vai passar eh... a mesma mensagem, ou uma mensagem bem semelhante com..., com a expressão, né? Com o não verbal. Acho que é isso! ”
- **E9** - “Bem, [...] É claro que ela, sem dúvida nenhuma, complementa a minha fala, mas pra ela de fato complementar ela precisa ser adequada. É..., eu não sei, né, assim, pensando nessa movimentação que eu fiz do canetão, de uma forma geral, né, nesses vinte e poucos minutos que nós vimos, eu penso que isso não deve ter interferido no contexto geral da aula, ou que isso tenha até distraído meu aluno. Porque o que eu percebi mais na filmagem, foi mesmo assim, a minha outra comunicação não verbal reforçando várias questões que o aluno disse, que eu estava dizendo que eu queria chamar a atenção. Então eu penso que a CNV para um docente na sala de aula, ela deve vir com essa característica de reforçar aquilo que eu to falando, de chamar a atenção pra alguma coisa durante a minha aula, pra eu valorizar o aluno enquanto ele tá colaborando, que seja. Porque eu acho que isso desperta também no aluno a vontade de querer participar. ‘Nossa, eu

falei isso, mas ela valorizou. Ela me deu um olhar, ela, ela fez um gesto que, que mostrou pra mim que foi importante a minha participação. Então eu acho que..., que no conjunto, né, aquilo que eu falo, aquilo que eu demonstro pela minha postura, pelo meu gesto é..., é importante pra também trazer o aluno pra participar da aula. [...]"

Já a categoria **Não contradizendo o verbal** está relacionada a momentos que o docente fala algo, mas o seu não verbal contradiz a sua fala como no exemplo de discurso a seguir:

- **E4** - "[...]Eu não consigo não usar o □[não]*□ verbal. Eu acho que faz parte da comunicação o não verbal. Então, muitas vezes até, você fala uma coisa errada, que você acaba corrigindo pelo não verbal. Tanto que muitas vezes eu me vejo falando uma coisa, expressando outra e os alunos... É assim..., eu vejo pela expressão deles: 'Poxa... ', sabe... 'Foi contrária!', e a gente acaba corrigindo. Então, eu acho que a expressão (não) verbal é fundamental. Eu acho que não existe comunicação sem.... só verbal. [...]"

* Observação – Nesse trecho da gravação ouvimos a docente dizer: "Eu não consigo não usar o verbal", entretanto, avaliando-se o contexto e, no intuito de não invalidar o discurso, acrescentamos a palavra "não" entre colchetes para que a frase tivesse o sentido pretendido pela docente.

DISCUSSÃO

6 DISCUSSÃO

Constatamos que nos cinco minutos iniciais de filmagem os docentes demonstraram claros sinais de nervosismo, ansiedade e desconforto, expressos principalmente em sua POSTURA (81,8% ou rígida, ou séria, ou agitada/ acelerada e até mesmo olhando para a câmera, num ato até inconsciente de aprovação do que estava realizando); CONTATO DOS OLHOS (27.3%, ou estavam olhando para a câmera, ou estavam lateralizados e/ou de costas, ou estavam voltados para alguns alunos em um dos lados da sala); EXPRESSÕES FACIAIS (45.5% ou de tensão, ou de seriedade, ou de raiva); MANEIRISMOS (100% presente de forma bem evidente como: entrelaçar os dedos e mexer as mãos sem nenhum significado específico, balançar o corpo, passar as mãos nos cabelos, ajeitar os óculos, coçar sobancelhas, rosto e boca, prensar os lábios, umedecer os lábios com a língua, movimentar canetas nas mãos por longo período da filmagem); VOLUME DA VOZ (um docente apresentou um tom de voz audível, porém mais agudo nos minutos iniciais da filmagem); RITMO DE VOZ (45.5% dos docentes apresentaram um ritmo acelerado e 9,1% um ritmo lento e hesitante, e/ou em outros momentos); NÍVEL DE ENERGIA física (45.5% estavam rígidos, inquietos, irrequietos e impacientes); CABEÇA (em certo momento, um docente fez uso do meneio negativo, contradizendo sua colocação verbal); POSTURA CORPORAL (90.9% dos docentes ou, mantiveram as mãos nos bolsos ou para trás, por longo período, ou permaneceram voltados para o quadro branco, ou atrás do computador enquanto falavam com os alunos, ou se mantiveram lateralizados por longo período lendo os slides, ou balançaram-se pendularmente) e PARAVERBAL (63.6% dos docentes, ou apresentaram paraverbal hesitante e pensativo ao responder às questões dos alunos, usando a expressão: “eh...”, ou apresentaram o paraverbal vicioso ao final de suas colocações com o uso das expressões: “tá?”, “ok?”, “né?”, inúmeras vezes). Entretanto, dos 11 docentes, apenas um deles conseguiu perceber

essa diferença nos cinco minutos iniciais, em um único aspecto dos 14 aspectos avaliados (RITMO DE VOZ - mais acelerado), registrando essa percepção em seu formulário. Os demais docentes não apontaram quaisquer diferenças, tanto em seus registros no formulário, quanto na verbalização de suas respostas na entrevista gravada.

O ritmo de voz acelerado percebido apenas por uma docente e as demais alterações nas dimensões não verbais apresentadas pelos docentes nos cinco minutos iniciais de filmagem podem estar relacionados ao fenômeno **Vivenciando a comunicação como descoberta** elucidado por Pereira¹¹ e Silva, Pereira⁸⁷. Nesse fenômeno a condição de **estar preocupada** é a causa responsável pelas alterações percebidas pelas enfermeiras de educação continuada no momento inicial de suas filmagens, assim como também pode ser, como já dito, a condição responsável pelas alterações nas dimensões/ aspectos não verbais avaliados nos docentes e percebidos por apenas uma docente.

A dificuldade em perceber os sinais não verbais também foi verificada por Silva⁸⁸, há mais de 20 anos atrás, em estudo feito com enfermeiras, que teve como objetivo verificar a percepção das mesmas sobre a comunicação, principalmente a não verbal, nas suas interações com os pacientes, além de verificar se as enfermeiras validavam a comunicação não verbal emitida por eles. Como resultado houve um baixo número de citações de sinais não verbais que as enfermeiras captaram de maneira consciente (registrando nas categorias conforme orientado pela pesquisadora), pois o número de sinais não verbais percebidos atingiu uma média de 2,5 sinais por consulta de enfermagem em relação à média de 43 sinais não verbais por consulta, percebidos pela pesquisadora.

A correta decodificação dos sinais não verbais requer capacitação, treino, consciência, atenção e observação constantes, pois emitimos diversos sinais não verbais, ao mesmo tempo em que verbalizamos; principalmente se considerarmos as microexpressões descritas por Ekman & Friesen⁸⁹ em 1969 e descobertas por Haggard &

Isaacs *apud* Ekman⁸⁶ três anos antes. Essas microexpressões duram de 1/12 a 1/5 de segundo e representam de forma não verbal nossos verdadeiros sentimentos.

Ekman⁸⁶, estudioso das expressões faciais, refere que a maioria das pessoas não consegue perceber as microexpressões durante uma conversa, pois elas se misturam às palavras, tom de voz e gestos. Essa dificuldade deve-se também ao fato de pensarmos no que vamos dizer a seguir, ao invés de observarmos.

Verificamos que, passados os cinco minutos iniciais de adaptação e ajuste, nos 15 minutos restantes de filmagem, alguns docentes mantiveram comportamentos comunicativos ineficazes, em alguns dos aspectos avaliados, tais como: na POSTURA (um docente, apesar de atento, ainda permaneceu impaciente, irrequieto.); nas EXPRESSÕES FACIAIS (um docente ainda se mostrou mais sério, sorrindo eventualmente; três docentes (27.3%) ainda se mantiveram sérios e um docente demonstrou expressão de dúvida, enquanto uma aluna relatava um acontecimento pessoal, deixando de esclarecer / clarificar sua dúvida com a aluna); nos MANEIRISMOS (todos os docentes - 100% - mantiveram algum tipo de MANEIRISMO como os já citados anteriormente: entrelaçar os dedos e mexer as mãos sem nenhum significado específico, passar as mãos nos cabelos, manter as mãos nos bolsos, ajeitar os óculos, coçar queixo, testa, rosto e nariz, prensar os lábios, umedecer os lábios com a língua, movimentar canetas/ *laser point* nas mãos por longo período da filmagem, sem significado, bater na perna, ajeitar a roupa, mexer em anéis e passar as mãos pelas coxas); no VOLUME DA VOZ (um docente apresentou um tom de voz audível, apesar de alguns alunos pedirem silêncio aos colegas que estavam conversando e outro docente, que apesar de também manter a voz audível, teve que aumentar um pouco seu volume, tornando-o alto para se sobrepôr às vozes/ conversas dos alunos); no RITMO DE VOZ (ainda mantiveram ritmo acelerado 36.4% dos docentes); na DISTÂNCIA INTERPESSOAL (45.5% dos docentes ainda permaneceram mais de um dos lados da sala, geralmente próximos ao computador. Apenas uma

docente ficou centralizada, sem se movimentar pela sala); no TOQUE (com outros dois docentes o contexto pareceu ser próprio ao toque, embora não tenha ocorrido); no posicionamento da CABEÇA (um docente em certo momento posicionou a cabeça com o queixo levantado “com ar desafiador, inquisitório”), na POSTURA CORPORAL (72.8% em alguns momentos se mantiveram lateralizados por longo período, ou lendo os slides; um docente manteve as mãos nos bolsos por vários momentos; dois docentes se mativeram de costas/ de lado, enquanto explicavam, ou enquanto aluno perguntava; dois docentes, ou se recostaram na mesa enquanto explicavam, ou sentaram-se em uma cadeira de lado, enquanto explicavam e um docente manteve as mãos na cintura enquanto fazia questionamentos aos alunos) e no PARAVERBAL (em alguns momentos 27.3% dos docentes apresentaram paraverbal com uso de expressões “tá?”, “ok?”, “né?”; 18.2% dos docentes fizeram longas pausas, ou esperando a resposta dos alunos, ou para escrever na lousa.; um docente ficou longo período conversando com outro docente na sala, esperando os alunos copiarem um exercício do quadro branco).

Nos cinco minutos iniciais de filmagem o contato visual de alguns docentes, em alguns momentos, era menor, comparado aos 15 minutos finais (em que os docentes mantiveram contato visual regular com os alunos). Essa diminuição de contato visual pode ser explicada, tanto pela presença da pesquisadora que filmava a aula (pouco conhecida dos docentes), quanto dos próprios alunos que a assistiam (por se tratar do início da aula e do semestre, em que a construção da interação ainda estava sendo feita). Esse desconhecimento, tanto em relação à pesquisadora, quanto em relação aos alunos, pode ter gerado a diminuição da troca visual, pois, corroborando com nossos achados, Knapp⁸³ afirma que “algumas pessoas desviam o olhar dos outros para não ver neles sinais de rejeição ou ameaça”. Passados os minutos iniciais de tensão e/ou nervosismo o contato visual regular se restabeleceu.

Ainda em relação ao contato dos olhos, várias são as condições envolvidas na avaliação do mesmo entre os interlocutores envolvidos na

interação, a saber: distância (conforme aumenta a distância, o contato visual também aumenta, como se compensando a distância), características físicas (olhamos menos para pessoas com algum estigma/ deficiência física, por exemplo), características pessoais e interpessoais (humor, intenção ou disposição para o contato podem aumentar ou diminuir o mesmo), temas e tarefas (temas íntimos, em que não há intimidade entre interlocutores, por exemplo, diminuem o contato entre os mesmos) e contexto cultural (por exemplo, suecos olham com menos frequência que os ingleses, porém por tempo mais prolongado)⁴³.

O olhar é tão importante na comunicação interpessoal, que há obra dedicada só ao assunto⁹⁰, descrevendo a dificuldade de se enfrentar uma plateia e acrescentando não ser fácil termos clareza ou nos sentirmos seguros sobre nossas reações diante de muitas pessoas, pois o motivo é simples: “quem olha vê!”

Os alunos e pesquisadora, nesse caso, podem ser comparados a uma plateia, pois, com algumas exceções, ficam sentados, assistindo às colocações dos docentes. Assim, acredita-se que quando somos olhados por muitas pessoas, que trazem suas próprias expectativas, nos questionamos a quais e a quantos poderemos perceber e/ou atender e que, certamente, não será a todos⁹⁰.

A repressão começa pelos olhos, pela proibição implícita de dizermos o que estamos vendo no outro (sem percebermos nossas atitudes e nossas faces). Essa repressão do olhar alheio é outra dificuldade. Sabe-se que quanto menor a dissociação entre fala e expressão não-verbal, mais integração se demonstra em relação ao momento presente; assim como a presença da pessoa será mais forte para os demais. É importante sabermos que toda conversa capaz de diminuir a distância entre o verbal e o não verbal é terapêutica⁹⁰.

Os MANEIRISMOS, que se mantiveram por vários momentos, tanto nos cinco minutos iniciais, quanto nos 15 minutos remanescentes, em

todas as filmagens, merecem destaque pelo significado que podem transmitir, além dos já relacionados (tensão, nervosismo e ansiedade) e da distração que podem gerar.

De maneira geral, os gestos de passar as mãos nos cabelos são codificados como sinais utilizados pelas mulheres em momentos de conquista/flerte com os homens⁹¹; entretanto, considerando o contexto da filmagem em sala de aula, está mais relacionado, com a excessiva preocupação com a aparência, tanto perante a gravação que está sendo feita, quanto perante os alunos que assistem a aula.

Em estudo feito por Nierenberg & Calero *apud* Pease⁹¹, manter dedos entrelaçados, por exemplo, pode nos indicar frustração e que a pessoa que o faz está dissimulando uma atitude negativa, sendo que quanto mais altos os dedos entrelaçados maior a atitude negativa e de frustração.

Os gestos de andar com a cabeça erguida, queixo para frente e as mãos cruzadas atrás das costas indicam superioridade e segurança; manter as mãos nos bolsos pode indicar ao interlocutor que algo está sendo escondido; coçar sobancelhas, rosto, nariz, testa e boca são sinais relacionados a filtração de informação ou a alguma mentira que foi dita, vista ou escutada⁹¹.

As nuances da voz apresentadas por alguns docentes nos cinco minutos iniciais nos revelam sua alteração emocional, pois segundo o que nos refere Davitz *apud* Knapp⁸³, um volume de voz normal, com um tom de normal a moderadamente agudo, timbre moderadamente brilhante, e velocidade moderadamente rápida nos indica um estado afetivo de impaciência.

É importante destacar o papel dos recursos audiovisuais, tanto em relação à distância interpessoal, quanto em relação à postura corporal, pois alguns docentes se posicionaram em um dos lados da sala, mais próximos ao recurso audiovisual, ou se mantiveram lateralizados ou de costas por longo período, lendo os slides. Os recursos audiovisuais servem

para ilustrar, esclarecer e simplificar as apresentações e durante seu uso o contato visual mantido com a plateia; no caso, com os alunos, deve ser o máximo possível, deve-se evitar ler os slides e falar olhando para o recurso audiovisual⁹².

Também os meneios de cabeça merecem atenção, pois sabe-se que meneios mais usados são o sinal de assentimento (inclinando a cabeça para frente indicando “sim”, afirmação) e o sinal de negação (sacudir a cabeça de um lado para outro, indicando “não”)⁹¹. Apenas em outras culturas como na Bulgária, partes da Grécia, Iugoslávia, Turquia, Irã e Bengala esses meneios tem significado contrário, ou seja, balançar a cabeça para cima e para baixo é sinal de “não” e balançar a cabeça de um lado para o outro é sinal de “sim”⁹³. Em nossas filmagens os docentes, em sua quase totalidade, fizeram uso do movimento de assentimento com a cabeça, estimulando a participação dos alunos, o chamado meneio positivo. Entretanto, é importante notar se durante a interação o interlocutor afirma algo verbalmente, mas contradiz negando com a cabeça, indicando uma objeção oculta, por exemplo⁹¹. Em nossa pesquisa, dois docentes fazem uma afirmação contradizendo-se com o meneio negativo. Um deles usa o meneio negativo enquanto afirma: “o que nós queremos estimular em vocês...”, aos um minuto e 40 segundos de filmagem e o outro docente usa o meneio negativo enquanto fala: “Se eu tiver que responder isso: numa prova, num concurso, ou numa prova de hospital... É isso!”, aos 30 segundos de filmagem. Podemos inferir, pelo pouco tempo de filmagem em que os meneios foram feitos, que essa contradição entre o verbal e o não verbal desses dois docentes pode estar associada ao nervosismo dos cinco minutos iniciais de filmagem.

A disposição dos móveis no ambiente de sala de aula também tem sua importância e, muito embora alguns docentes tenham se queixado da disposição dos mesmos, em algumas salas grandes, tanto em tamanho quanto em número de carteiras, notamos que não houve quaisquer mudanças, mesmo em salas que permitiam certa mobilidade e com poucos alunos (máximo de 8), para que o ambiente de ensino-aprendizado se

tornasse mais acolhedor, inclusivo e produtivo. Afinal, em algumas salas, embora o docente tivesse voz audível, o barulho da conversa de alguns alunos dispersos, associados a outros barulhos que reverberavam em salas de aula maiores, pode ter comprometido o aprendizado.

Um exemplo sobre o bom uso do espaço é exemplificado por Hall⁹⁴, quando descreve uma entrevista feita a um arquiteto inglês que conseguiu melhorar o rendimento de um comitê que não funcionava a contento, impedindo a demissão do presidente do mesmo, por meio da harmonização dos espaços auditivo e visual na sala onde se reuniam. O arquiteto corrigiu os defeitos do ambiente da sala de reuniões, contígua a uma rua movimentada, onde os ruídos do trânsito eram reforçados por reverberações nas paredes nuas e nos pisos sem tapetes. Ao reduzir a interferência auditiva e tornar possível a realização de uma reunião sem esforço indevido, não houve mais queixas contra o presidente do comitê que conseguiu manter-se em sua função.

Sobre a distância mantida entre os interlocutores, Hall⁹⁴ também nos esclarece os tipos de distâncias, definidos na relações interpessoais no ocidente: distância íntima (do toque a 45 centímetros), distância pessoal (de 45 a 125 centímetros), distância social (de 125 a 360 centímetros) e distância pública (acima de 360 centímetros).

Quando não temos opção de distanciamento, como em elevadores, em transportes públicos (ônibus, metrô), num show de *rock*, entre outros, em que estamos, muitas vezes, ombro a ombro com outras pessoas, admitimos esse contato e essa proximidade nos membros superiores e direcionamos o olhar para baixo, ou para cima (desviamos o olhar)^{1,90,93-94}.

Salvas poucas exceções, em que houve o toque entre docente e aluno, os docentes se mantiveram, em sua maioria, a uma distância que variava entre a distância pessoal (com os alunos da primeira fileira) e a distância social (com as fileiras intermediárias). Já com as fileiras mais

distantes e em salas grandes, mantiveram a distância pública, sendo necessário, inclusive, o uso do microfone, por alguns docentes, para amplificar a voz. Essa relação poderia ser diferente, caso os docentes circulassem mais pela sala de aula e, assim, pudessem manter uma distância pessoal com mais alunos, demonstrando, então, maior acessibilidade e disponibilidade no processo de ensino-aprendizagem e facilitando o contato, a interação e a fluidez do processo comunicativo entre ambos, necessários não só para o entendimento do conteúdo ministrado, mas para a vivência do aprendizado comunicativo a ser utilizado com os pacientes, familiares e equipe multiprofissional com que os alunos interagirão em um breve futuro, nos estágios, após a sala de aula.

O docente é, sem dúvida, o que instiga, inspira e encoraja os graduandos de Enfermagem na habilidade comunicativa que são capazes de desenvolver. E para que essa seja desenvolvida, é imperativo que o contato com o docente traga uma experiência sensorial marcante e positiva, que só pode ser conseguida por meio da proximidade entre aluno e docente a começar na sala de aula.

Estudiosa da comunicação não verbal pedagógica, Sampaio⁹⁵ nos esclarece como se dá nossa evolução social comunicativa quando nos refere os papéis da família e da escola:

O ingresso do indivíduo na ordem social é marcada pelo seu nascimento, de modo que a família é responsável pela etapa inicial da formação social do indivíduo, transmitindo-lhe a estrutura básica do discurso cultural. Mas cabe à escola a preparação para a vida, isto é, ela prepara o indivíduo para assumir o lugar do homem concreto dentro da sociedade. A família é a primeira fonte produtora de mensagens verbais, e a sua função é, praticamente, criar o ser nos seus aspectos linguístico e social. Mas o desenvolvimento do ser linguístico, sua preparação para atuar como sujeito da imagem verbal do mundo, é função da escola. (Sampaio, 1991, p. 54)

Acrescentamos que a esse preparo para a vida pelo qual a escola é responsável, se estende também para a graduação, em que o indivíduo está sendo preparado para uma profissão, um ofício a ser desempenhado por um longo período em sua vida adulta, em sua grande maioria.

Se considerarmos a estrutura escolar atual, excluindo-se aqui a falta de oportunidade para alguns, o indivíduo entra no ambiente escolar a partir do ensino infantil (por volta de um ano a um ano e meio de idade) e só sai dele na graduação, por volta dos 20 e poucos anos (sem contarmos as possíveis pós-graduações que o mercado de trabalho tem exigido em todas as áreas), ou seja, passamos um quinto de nossa vida (20%), principalmente no ambiente de sala de aula (considerando que a longevidade média do ser humano pode chegar aos cem anos); o que nos leva a refletir ainda mais sobre a importância do ambiente comunicativo da sala de aula e da interação entre docente e alunos.

Sobre a percepção dos docentes de Enfermagem em relação aos sinais não verbais que eles emitem durante suas explanações em aulas ministradas aos graduandos de Enfermagem, pudemos observar, tanto nos formulários preenchidos pelos docentes, quanto nas entrevistas gravadas, que os docentes conseguem perceber alguns sinais não verbais mais gerais que eles emitem em suas aulas ministradas aos graduandos de Enfermagem, entretanto, não conseguem perceber sinais não verbais mais sutis e que podem ser intervenientes no momento de ensino-aprendizagem tanto de forma eficaz quanto de forma ineficaz.

Nas entrevistas gravadas fica evidente que os professores conseguem identificar diferentes aspectos da comunicação não verbal e citam exemplos em suas falas, principalmente, da dimensão cinestésica de seu não verbal, embora sem muita especificidade. Os docentes também identificam a importância da comunicação não verbal e sua interferência no relacionamento interpessoal com os alunos, tanto de forma positiva quanto de forma negativa, quando são capazes de dar exemplos isolados, relacionados a outras dimensões da comunicação não verbal, mesmo que sem nominá-los tecnicamente, tais como os exemplos de táctica, proxêmica, paraverbal e características do ambiente.

Sobre a dimensão cinestésica as alunas integrantes do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

(EEUSP), que participaram da disciplina “Comunicação na saúde do adulto: interação da linguagem verbal e do não verbal nas relações interpessoais”, realizaram um estudo, que fazia parte das atividades da disciplina em questão, para a apresentação de um seminário sobre “Cinésica: a linguagem do corpo”⁹⁶. Nesse estudo as alunas solicitaram às outras vinte alunas/colegas pós-graduandas, presentes na apresentação do seminário sobre Cinésica, que respondessem por escrito, antes da exposição teórica do conteúdo: “O que você sabe sobre linguagem corporal?”. Como resultados surgiram cinco categorias (conceito, função, importância, significado e formas de manifestação da linguagem corporal), em que as pós-graduandas valorizaram a linguagem corporal, referindo ser uma forma complexa de interação interpessoal em que temos pouca consciência, acontecendo, às vezes, sem que consigamos controlá-la. Acrescentaram que por meio dessa linguagem expressamos sentimentos, emoções e transmitimos mensagens, com significados influenciados pelo contexto. As autoras completam referindo que o conhecimento da linguagem corporal amplia nossa percepção profissional, sendo mais um instrumento para melhorar a qualidade da assistência de enfermagem⁹⁶.

O estudo da comunicação não verbal não é tarefa fácil, pois requer, como já referimos, conhecimento, dedicação, treino e observação do outro, mas, principalmente, autoconhecimento^{10,97}. O autoconhecimento vem por meio de diversos fatores como: consciência corporal, pensamentos, intenções e emoções alinhados com nossos objetivos, serenidade interior, aquietação da mente e reflexão constantes⁹⁷.

Silva⁹⁸ refere que ao entender melhor a comunicação não verbal, os enfermeiros potencializam seu relacionamento com os pacientes e com sua equipe, pois por meio da comunicação não verbal pode-se conhecer melhor a essência dos indivíduos, de suas emoções e pensamentos. Essa autora questiona o porquê de não utilizarmos programas rápidos de treinamento, que despertem a motivação do enfermeiro para o assunto⁹⁴. Sendo os docentes de enfermagem, primeiramente enfermeiros, a sugestão

para treinamentos dos mesmos também será fundamental para a boa prática docente.

**CONCLUSÕES E
CONSIDERAÇÕES FINAIS**

7 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que os sinais não verbais emitidos pelos docentes durante suas explanações em aulas ministradas aos graduandos de Enfermagem são pouco percebidos conscientemente pelos mesmos, pois suas percepções são mais gerais. A decodificação que os docentes fazem da própria sinalização não verbal é carente de identificação de sinais mais sutis.

A visão que os docentes tem sobre o próprio não verbal é de que, em geral, é bom, era o que esperavam e está adequado, ou seja, regular, aceitável de uma maneira geral; e a maioria deles se enxergou de maneira positiva (em relação a si mesmo e a seu não verbal), sem se surpreender. Os docentes que se enxergaram negativamente citaram exemplos em seu não verbal relacionados à postura rígida, dura, à expressão facial de decepção com os alunos, e à distância interpessoal inadequada, considerando os móveis como barreiras.

Entretanto, embora alguns docentes não tenham verbalizado na entrevista, é importante considerar que, no momento em que assistiam ao filme de sua aula, a pesquisadora observou microexpressões faciais de surpresa leve (leve levantar de sobrancelhas) em alguns docentes, ou, então, notou que teceram algum breve comentário sobre a descoberta de se verem filmados. Uma evidência de que houve filtração durante as respostas às questões é o fato do paraverbal apresentado ser hesitante, com várias pausas.

Em relação à comunicação não verbal efetiva e eficaz, os docentes consideraram que é aquela que oferece *feedback* aos alunos, aproximando-os do professor; que chama a atenção para o conteúdo, ao invés do docente, com gestos que incentivam a participação dos alunos, aproximando-os; é a comunicação que complementa o verbal com

expressões, gestos e olhares, que reforçam a fala e valorizam os alunos; é a comunicação que envolve, motiva e faz com que o alunos se sinta importante no processo de ensino aprendizagem; é a comunicação que agrada e que faz uso do toque entre docente e aluno.

Considerando nossos achados, de falta de especificidade e inadequação na correta decodificação dos sinais não verbais, julgamos necessário que os docentes de graduação em Enfermagem sejam capacitados em algum treinamento para que possam aprender a correta decodificação dos sinais não verbais (principalmente dos sinais não verbais mais sutis), que podem ser emitidos na sua interação não só com os alunos, mas com qualquer ser humano, aprimorando, assim, sua comunicação no ambiente de ensino-aprendizagem.

Refletir sobre o processo ensino-aprendizagem é sempre necessário em função das mudanças constantes do ambiente de ensino, da cultura e dos avanços tecnológicos. Mas... o contato face a face, cara a cara, “tete a tete” sempre deve ser revisto e avaliado.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

1. Silva MJP. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 8ª ed. São Paulo: Loyola; 2006.
2. Castro RKF, Silva MJP. Influências do comportamento comunicativo não-verbal do docente em sala de aula - visão dos docentes de Enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 2001; 35(4):381-9.
3. Castro RKF, Silva MJP. Influências do comportamento comunicativo verbal e não verbal do docente em sala de aula – visão dos alunos de graduação em Enfermagem. Cogitare Enferm, 2001; 6(2):7-16.
4. Castro RKF, Silva MJP. Influências do comportamento comunicativo verbal e não verbal do docente em sala de aula - visão dos alunos e docentes de Enfermagem. Enferm Glob. 2003; 2(3):01-11.
5. Rocha EM, Silva MJP. Comportamento comunicativo do docente de Enfermagem e sua influência na aprendizagem do educando. Nursing. 2001; 4(32):30-4.
6. Bosquetti LS, Braga EM. Reações comunicativas dos alunos de Enfermagem frente ao primeiro estágio curricular. Rev Esc Enferm USP. 2008; 42(4):690-6.
7. Carvalho EC, Bachion MM, Almeida LCP, Medeiros RN. O ensino da comunicação em Enfermagem: um desafio. Rev Latinoam Enferm. 1997; 5(3):27-34.
8. Sadala MLA, Stefanelli MC. Desenvolvendo a habilidade em comunicação. Rev Paul Enferm. 1995; 14(2/3):66-76.
9. Braga EM, Silva MJP. Como acompanhar a progressão da competência comunicativa no aluno de Enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 2006; 40(3):329-35.

10. Braga EM. Competência em comunicação: uma ponte entre aprendizado e ensino na Enfermagem. [tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2004.
11. Pereira LL. Vivenciando a comunicação como descoberta. [tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1999.
12. Freire P. Educação e mudança. 31^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
13. Alves R. Conversas com quem gosta de ensinar. Campinas: Papirus, 2000.
14. Cortella MS. A escola e o conhecimento: Fundamentos Epistemológicos e Políticos. 3^a ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.
15. Scherer ZAP, Scherer EA, Carvalho AMP. Reflexões sobre o ensino da Enfermagem e os primeiros contatos do aluno com a profissão. Rev Latinoam Enferm. 2006; 14(2):285-91.
16. Sgariboldi AR, Puggina ACG, Silva MJP da. Análise da percepção dos professores em relação aos sentimentos dos alunos em sala de aula. Rev Esc Enferm USP. 2011; 45(5):1206-1212.
17. Littlejohn SW. Fundamentos teóricos da comunicação humana. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1988.
18. Martino LC. De qual comunicação estamos falando? In: Hohlfeldt A, Martino LC, França V. Teorias da comunicação. Petrópolis: Vozes, p. 11-25, 2003.
19. Matheus S. A Comunicação Cindida. In: Anais do 6º Congresso SOPCOM, o 8º Congresso LUSOCOM e o 4º Congresso IBÉRICO; 2009 Abril 14 – 18; Lisboa, Portugal. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; 2009. p. 2449-2461.
20. Dicionário da língua portuguesa [dicionário na Internet]. Lisboa: Priberam Informática; 1998. [citado 2011 fev. 18]. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo>.

-
21. Melo JM de. Comunicação social: teoria e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1970.
 22. Carvalho RIB de. Universidade Midiatizada – o uso da televisão e do cinema na Educação Superior. Brasília: Senac –DF; 2007.
 23. Berlo DK. O processo da comunicação: introdução à Teoria e à Prática. Trad. de Jorge Arnaldo Fontes. Revisão da trad. de Irami B. Silva. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 1999.
 24. Stefanelli MC. Conceitos teóricos sobre comunicação. In: Stefanelli MC, Carvalho EC, organizadoras. A Comunicação nos diferentes contextos da Enfermagem. Barueri: Manole; 2005, p. 28-46.
 25. Stefanelli MC. Introdução à comunicação terapêutica. In: Stefanelli MC, Carvalho EC, organizadoras. A Comunicação nos diferentes contextos da Enfermagem. Barueri: Manole; 2005, p. 62-72.
 26. Silva MJP da. O aprendizado da linguagem não-verbal e o cuidar. In: Stefanelli MC, Carvalho EC, organizadoras. A Comunicação nos diferentes contextos da Enfermagem. Barueri: Manole; 2005, p. 47-61.
 27. Atkinson LD, Murray ME. Fundamentos de Enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 1989.
 28. Santos CCV, Shiratori K. A influência da comunicação não verbal no cuidado de Enfermagem. Rev Bras Enferm. 2005; 58(4):434-7.
 29. Araújo STC de, Porto IS, Santos I dos, Santoro DC. The body senses of the nursing students in the sociopoetic learning about the nonverbal communication of the client in preoperative reception. In: Proceedings of the 8. Brazilian Nursing Communication Symposium [Proceedings online]; 2002 May 02-03; São Paulo, SP, Brazil. 2002. [cited 2012 Nov 07]. Available from URL: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000052002000100026&lng=en&nrm=van.

-
30. Jesus MCP, Cunha MHF. Utilização dos conhecimentos sobre comunicação por alunos de graduação em Enfermagem. *Rev Latinoam Enferm*. 1998; 6(1):15-25.
 31. Spagnuolo RS, Pereira MLT. Práticas de saúde em Enfermagem e Comunicação: um estudo de revisão da literatura. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2007; 12(6):1603-1610.
 32. Silva MJP. Percebendo o ser humano além da doença – o não-verbal detectado pelo enfermeiro. *Nursing*. 2001; 41(4):14-20.
 33. Bridge W, Clark JM. Nursing and Communication. In: *Communication in nursing care*. Bridge W, Clark JM, editors. Chichester: John Wiley; 1981, p. 1-7.
 34. Bradley JC, Edinberg MA. *Communication in the nursing context*. 3rd ed. California: Appleton & Lange; 1990.
 35. Anderson C. *Patient Teaching & Communicating – In an Information Age*. Albany, New York: Delmar Publishers; 1990.
 36. Dickson DA, Hargie O, Morrow NC. *Communication skills training for health professionals: an instructor's handbook*. London: Chapman and Hall; 1989.
 37. Watzlawick P, Beavin JH, Jackson DD. *Pragmática da comunicação humana*. 19^a ed. São Paulo: Pensamento Cultrix; 2008.
 38. Mehrabian A. *Nonverbal communication*. Illinois: Aldine-Atherton; 1972.
 39. Davis F. *A comunicação não verbal*. São Paulo: Summus; 1979.
 40. Bordenave JD, Pereira AM. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. 29^a ed. Petrópolis: Vozes; 2008.
 41. Bransford JD, et al., editors. *How people learn: Brain, mind, experience and school*. Washington: National Academic Press; 2000.
 42. Freire P. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Freire AMA, organizadora. São Paulo: UNESP; 2001.

-
43. Perrenoud P. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed; 2000.
 44. Felix CCP, Faro ACME, Dias CRF. Percepção de estudantes de Enfermagem sobre o Laboratório de Enfermagem como estratégia de ensino. *Rev Esc Enferm USP*. 2011; 45(1):243-9.
 45. Moura ECC, Mesquita LFC. Estratégias de ensino-aprendizagem na percepção de graduandos de Enfermagem. *Rev Bras Enferm*. 2010; 63(5):793-8.
 46. Johnson JP, Mighten A. A Comparison of Teaching Strategies: Lecture Notes Combined with Structured Group Discussion Versus Lecture Only. *J Nurs Educ*. 2005; 44(7):319-22.
 47. Barrington K, Campbell B. MUDD Mapping: An Interactive Teaching-Learning Strategy. *Nurse Educ*. 2008; 33(4):159-163.
 48. Loke AY, Chow FLW. Learning partnership—the experience of peer tutoring among nursing students: A qualitative study. *Int J Nurs Stud*. 2007; 44:237–244.
 49. Dal Pai D, Lautert L. Grupos de discussão virtual: uma proposta para o ensino em Enfermagem. *Rev Esc Enferm USP*. 2007; 41(3):518-25.
 50. Hartland W, Biddle C, Fallacaro M. Audiovisual facilitation of clinical knowledge: a paradigm for dispersed student education based on Paivio's Dual Coding Theory. *AANA J*. 2008; 76(3):194-198.
 51. Cardoso JP, et al. Construção de uma práxis educativa em informática na saúde para o ensino de graduação. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2008; 13(1):283-288.
 52. Arhin AO, Cormier E. Using Deconstruction to Educate Generation Y Nursing Students. *J Nurs Educ*. 2007; 46(12):562-567.
 53. Goodin HJ, Stein D. Deliberative Discussion as an Innovative Teaching Strategy. *J Nurs Educ*. 2008; 47(6):272-4.

-
54. De Domenico EBL, Matheus MCC. Didática em saúde: representações de graduandos em Enfermagem e utilização de metodologia inovadora de ensino. *Rev Gaúcha Enferm.* 2009; 30(3):413-9.
 55. Kennedy DM. Dimensions of distance: a comparison of classroom education and distance education. *Nurse Educ Today.* 2002; 22:409-416.
 56. Diekelmann N. Engaging the Students and the Teacher: Co-Creating Substantive Reform with Narrative Pedagogy. *J Nurs Educ.* 2005; 44(6):249-252.
 57. Chauvet S, Hofmeyer A. Humor as a facilitative style in problem-based learning environments for nursing students. *Nurse Educ Today.* 2007; 27:286-292.
 58. Callister LC, et al. Inquiry in Baccalaureate Nursing Education: Fostering Evidence-Based Practice. *J Nurs Educ.* 2005; 44(2):59-64.
 59. Ridley RT. Interactive Teaching: A Concept Analysis. *J Nurs Educ.* 2007; 46(5):203-9.
 60. Shepherd CK, et al. Investigating the use of simulation as a teaching strategy. *Nurs Stand.* 2010; 24(35):42-48.
 61. Sensenig JA. Learning Through Teaching: Empowering Students and Culturally Diverse Patients at a Community-Based Nursing Care Center. *J Nurs Educ.* 2007; 46(8):373-379.
 62. Young P, Diekelmann N. Learning to Lecture: Exploring the Skills, Strategies, and Practices of New Teachers in Nursing Education. *J Nurs Educ.* 2002; 41(9):405-412.
 63. Johnston AK, Tinning RS. Meeting the challenge of problem-based learning: developing the facilitators. *Nurse Educ Today.* 2001; 21:161-169.
 64. Bambini D, Washburn J, Perkins A. Outcomes of Clinical Simulation for Novice Nursing Students: Communication, Confidence, Clinical Judgment. *Nurs Educ Perspect.* 2009; 30(2):79-82.

-
65. Riera JRM, Cibanal JL, Mora MJP. Using Role Playing in the Integration of Knowledge in the Teaching-Learning Process in Nursing: Assessment of Students. *Texto & Contexto Enferm.* 2010; 19(4): 618-26.
 66. Schwartz M, Abbott A. Storytelling: A clinical application for undergraduate nursing students. *Nurse Educ Pract.* 2007; 7:181–186.
 67. Gilmartin J. Teachers' understanding of facilitation styles with student nurses. *Int J Nurs Stud.* 2001; 38:481–488.
 68. Murray ME, Douglas S, Girdley D, Jarzemsky P. Teaching Quality Improvement. *J Nurs Educ.* 2010; 49(8):466-9.
 69. Mikol C. Teaching Nursing Without Lecturing – Critical Pedagogy as Communicative Dialogue. *Nurs Educ Perspect.* 2005; 26(2):86-9.
 70. Koenig JM, Zorn CR. Using Storytelling as an Approach to Teaching and Learning With Diverse Students. *J Nurs Educ.* 2002; 41(9):393-399.
 71. Krautscheid L, Kaakinen J, Warner JR. Clinical Faculty Development: Using Simulation to Demonstrate and Practice Clinical Teaching. *J Nurs Educ.* 2008; 47(9):431-434.
 72. Trangenstein PA. Electronic Toolkit for Nursing Education. *Nurs Clin N Am.* 2008; 43:535–546.
 73. Vitale AT. Faculty development and mentorship using selected online asynchronous teaching strategies. *J Contin Educ Nurs.* 2010; 41(12):549-56.
 74. Fernandes MFP, Pereira RCB. O professor diante da confidencialidade do aluno. *Nursing (São Paulo).* 2006; 8(100):1016-1021.
 75. Finnerty G, Pope R. An exploration of student midwives' language to describe non-formal learning in professional practice. *Nurse Educ Today.* 2005; 25:309–315.
 76. Nascimento MAL, Figueiredo NMA, Cardim MG, Ghidini R. A comunicação visual transmitida pela imagem corporal da enfermeira aos acadêmicos de Enfermagem. *Online Braz J Nurs.* [Periódico na Internet].

- 2005 abr. [citado 2011 Jul 20]; 4(1). Ilus. Disponível em: <http://www.uff.br/nepae/siteantigo/objn401nascimentoetal.htm>.
77. Salomé GM. Comunicação entre pacientes e acadêmicos de Enfermagem em unidade de terapia intensiva: abordagem fenomenológica. *Nursing* (São Paulo). 2011; 13(152):32-38.
78. Husebø SE, Rystedt H, Friberg F. Educating for teamwork – Nursing students' coordination in simulated cardiac arrest situations. *J Adv Nurs*. 2011; 67(10):2239-55.
79. Chambers S. Use of nonverbal communication skills to improve Nursing care. *Br J Nurs*. 2003; 12(14):874-8.
80. Reilly JR, Gallagher-Lepak S, Killion C. "Me and my computer": emotional factors in online learning. *Nurs Educ Perspect*. 2012; 33(2):100-5.
81. Loizos P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: Bauer MW, Gaskell G, editores. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 137-155.
82. Minayo, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2000.
83. Knapp ML. *Essentials of nonverbal communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston; 1980.
84. Gaskell G. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer MW, Gaskell G, editores. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 64-89.
85. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 2009.
86. Ekman P. *A linguagem das emoções: Revolucione sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor*. São Paulo: Lua de Papel; 2011.
87. Silva MJP, Pereira LL. Vivenciando a comunicação como descoberta. *Mundo da Saúde*. 2000; 24(5):333-42.

REFERÊNCIAS

88. Silva MJP. A percepção das enfermeiras sobre a comunicação não verbal dos pacientes. [dissertação]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1989.
89. Ekman P, Friesen WF. Nonverbal Leakage and Clues to Deception. *Psychiatry*; 1969; 32:88-105.
90. Gaiarsa JA. O olhar. São Paulo: Gente; 2000
91. Pease A. El lenguaje del cuerpo – Cómo leer el pensamiento de los otros a través de sus gestos. 3ª ed. Barcelona: Paidós; 1989.
92. Kalish K. Como fazer apresentações espetaculares. Rio de Janeiro: Campus; 2000.
93. Axtell RE. Gestos: um manual de sobrevivência gestual, divertido e informativo, para enfrentar a globalização. Rio de Janeiro: Campus; 1994.
94. Hall ET. A dimensão oculta. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
95. Sampaio TMM. O não verbal na comunicação pedagógica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1991.
96. Silva LMG, Brasil VV, Guimarães HCQCP, Savonitti BHRA, Silva MJP. Comunicação não verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. *Rev Latinoam Enfermagem*. 2000; 8(4):52-58.
97. Wood P. Os segredos da comunicação interpessoal: usando a arte da comunicação para melhorar a sua vida e a dos outros. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007.
98. Silva MJP. Aspectos gerais da construção de um programa sobre comunicação não verbal para enfermeiros. *Rev Latinoam Enfermagem*; 1996; 4(nºespecial):25-37.

APÊNDICES

APÊNDICES

Apêndice 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Rosely Kalil de Freitas Castro Carrari de Amorim, autora do projeto de pesquisa intitulado “Percepção dos docentes de graduação em Enfermagem sobre seu comportamento comunicativo não verbal em sala de aula”, venho solicitar seu consentimento para sua realização, que tem como objetivo geral: conhecer e compreender o significado da comunicação não verbal para os docentes de graduação em Enfermagem em sala de aula e como objetivos específicos: 1. verificar os sinais não verbais emitidos por docentes durante suas explanações em aulas ministradas aos graduandos de Enfermagem; 2. conhecer a percepção dos docentes de Enfermagem em relação à comunicação com os alunos e aos sinais não-verbais que eles emitem durante suas explanações em aulas ministradas aos graduandos de Enfermagem e 3. conhecer a percepção dos docentes de Enfermagem sobre o que é a comunicação efetiva e eficaz em sala de aula. A coleta de dados será realizada por meio de uma filmagem de 20 minutos de uma de suas aulas, que depois lhe será apresentada, num momento posterior, que será marcado de acordo com sua disponibilidade para que ao assistir, identifique os sinais não-verbais que você emitiu durante sua aula. Neste mesmo dia será gravada uma entrevista composta das seguintes questões: 1. Como você se viu na filmagem? 2. O que você observou da sua comunicação não verbal? 3. Como você acha que pode ser a comunicação não verbal de um docente em sala de aula?

Tanto as filmagens quanto as gravações serão utilizadas apenas para a pesquisa e, depois de concluída a pesquisa, serão destruídas. Você terá, a qualquer momento, direito a esclarecimentos sobre quaisquer dúvidas que venham ocorrer a respeito dos assuntos abordados pela pesquisa. Você tem a garantia do sigilo e do caráter confidencial das informações que estará prestando à pesquisadora, sabendo de antemão que elas serão usadas com a finalidade única de divulgação e publicação científica, sempre garantindo sua privacidade.

Caso sinta-se satisfatoriamente informado sobre esta pesquisa e concorde em participar dela, solicitamos seu consentimento, ressaltando que estamos a sua disposição para quaisquer dúvidas e que este consentimento pode ser retirado a qualquer tempo.

Data ____/____/____

Assinatura do participante

Responsáveis pela pesquisa:

Rosely Kalil de Freitas Castro Carrari de Amorim
Enfermeira. Mestranda da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP) – SP
Av. Manoel da Nobrega, 1392. CEP: 11320-210. Itararé, São Vicente, SP
Celular: (11)9953-1920

Maria Júlia Paes da Silva
Enfermeira. Docente titular da EEUSP- SP
Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 – CEP: 05403-000
Telefone: (11) 3061-7558

E-mail do Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP: edipesq@usp.br

Esse termo de consentimento tem 2 (duas) vias, sendo que uma das vias ficará com o sujeito da pesquisa e a outra via ficará com o pesquisador

Apêndice 2

Formulário do docente para codificação dos sinais não verbais

Filmagem n° _____ Data: _____

tempo de docência: _____

NÃO VERBAL	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**
1. Postura	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____
2. Contato dos olhos	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____
3. Móveis	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____
4. Roupas	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____
5. Expressão facial	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____
6. Maneirismos	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____
7. Volume de voz	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____
8. Ritmo de voz	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____
9. Nível de energia	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____
10. Distância interpessoal	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____
11. Toque	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____
12. Cabeça	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____

13. Postura corporal	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____
14. Paraverbal	Momento (s): _____ ☐ _____ _____	Momento (s): _____ ☐ _____ _____

* Uso efetivo/eficaz – comportamentos que encorajam a fala do outro porque demonstram aceitação e respeito

** Uso ineficaz – comportamentos que, provavelmente, enfraquecem a conversação (adaptado do modelo não verbal de comunicação de Silva MJP. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 8a ed. Pag. 105. São Paulo: Loyola; 2006).

ANEXOS

ANEXOS

Anexo 1

Modelo não verbal de comunicação de Silva

NÃO VERBAL	USO EFETIVO*	USO INEFICAZ**
1. Postura	Relaxada, mas atenta	Rígida
2. Contato dos olhos	Regular, médio	Ausente, desafiante
3. Móveis	Usados para unir	Usados como barreira
4. Roupas	Simples	Provocativas, extravagantes
5. Expressão facial	Sorridente, mostrando seus sentimentos	Rosto voltado para o outro lado ou inexpressivo
6. Maneirismos	Sem maneirismos	Distração
7. Volume de voz	Claramente audível	Alto ou baixo
8. Ritmo de voz	Médio	Impaciente, hesitante, lento
9. Nível de energia	Em alerta	Apático, sonolento, cíclico, irrequieto
10. Distância interpessoal	Aproximação	Distanciamento
11. Toque	Presente	Ausente
12. Cabeça	Meneio positivo	Meneio negativo
13. Postura corporal	Voltada para a pessoa	Lateral ou de costas
14. Paraverbal	Responde prontamente	Uso de pausas ou respostas com grunhidos

* Uso efetivo/eficaz – comportamentos que encorajam a fala do outro porque demonstram aceitação e respeito

** Uso ineficaz – comportamentos que, provavelmente, enfraquecem a conversação (modelo não verbal de comunicação. Silva MJP. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 8a ed. Pag. 105. São Paulo: Loyola; 2006).

Anexo 2

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3061-7548/8858 - Fax: (011) 3061-7548 -
São Paulo - SP - Brasil
e-mail: edipesq@usp.br

São Paulo, 14 de junho de 2011.

Ilm.^a Sr.^a
Rosely Kalil de Freitas Castro Carrari de Amorim

Ref.: Processo nº 1049/2011/CEP-EEUSP - SISNEP CAAE: 0054.0.196.251-11

Prezada Senhora,

Em atenção à solicitação referente à análise do projeto **“Percepção dos docentes de graduação em enfermagem sobre seu comportamento comunicativo não verbal em sala de aula”**, informamos que o mesmo foi considerado aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CEP/EEUSP).

Analizado sob o aspecto ético-legal, atende às exigências da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que após o término da pesquisa, os resultados obtidos deverão ser encaminhados ao CEP/EEUSP, para serem anexados ao processo.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Célia Maria Sivalli Campos
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

CRÉDITOS DAS IMAGENS

-Google images

<https://www.google.com.br/search?um=1&hl=pt-BR&tbo=d&authuser=0&biw=1280&bih=675&tbm=isch&sa=1&q=imagens+iceberg&btnG=>